Universidade Estadual de Londrina

RAQUEL AKEMI HAMADA

Comportamentos aberrantes: revisão de estudos sobre o tema e elaboração de material didático para intervenção com pais

LONDRINA

2014

Raquel Akemi Hamada

Comportamentos aberrantes: revisão de estudos sobre o tema e elaboração de material didático para intervenção com pais

Dissertaçãode mestrado apresentada à banca examinadora do Programa de Mestrado em Análise do Comportamento da Universidade Estadual de Londrina – UEL.

Orientadora: Profª. Drª. Silvia Aparecida Fornazari
Coorientadora: Profª. Drª. Nádia Kienen

LONDRINA
2014

Catalogação elaborada pela Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central da Universidade Estadual de Londrina.

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

H198c Hamada, Raquel Akemi.
Comportamentos aberrantes : revisão de estudos sobre o tema e elaboração de material didático para intervenção com pais / Raquel Akemi Hamada. – Londrina, 2014.
143 f. : il.

Orientador: Silvia Aparecida Fornazari.
Coorientador: Nádia Kienen.
Dissertação (Mestrado em Análise do Comportamento) – Universidade Estadual de Londrina, Centro de Ciências Biológicas, Programa de Pós-Graduação em Análise do Comportamento, 2014.
Inclui bibliografia.

1. Comportamento aberrante – Teses. 2. Intervenção (Psicologia) – Teses. 3. Pais – Treinamento – Teses. 4. Material didático – Teses. I. Fornazari, Silvia Aparecida. II. Kienen, Nádia. III. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Ciências Biológicas. Programa de Pós-Graduação em Análise do Comportamento. IV. Título.

CDU 159.9.019.43

RAQUEL AKEMI HAMADA

Comportamentos aberrantes: revisão de estudos sobre o tema e elaboração de material didático para intervenção com pais

COMISSÃO EXAMINADORA:

Profª. Orientadora Drª. Silvia Aparecida Fornazari
Universidade Estadual de Londrina

Profª. Coorientadora Drª Nádia Kienen
Universidade Estadual de Londrina

Profª. Drª Olga Maria Piazentin Rolim Rodrigues
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
(convidado titular)

Profª. Drª Maria Rita Zoéga Soares
Universidade Estadual de Londrina
(convidado titular)

Prof. Dr. Alex Eduardo Gallo
Universidade Estadual de Londrina
(convidado suplente)

Profª Drª Renata Grossi
Universidade Estadual de Londrina
(convidado suplente)

Londrina, 26 de setembro de 2014.

Hamada, R. A. (2014). Comportamentos aberrantes: revisão de estudos sobre o tema e elaboração de material didático para intervenção com pais. (Dissertação de Mestrado em Análise do Comportamento não publicada). Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

Resumo

Comportamento aberrante é um fenômeno muito pesquisado internacionalmente cujos procedimentos de intervenção que resultam na redução da frequência desses comportamentos e, por conseguinte, geram diminuição das consequências prejudiciais ao indivíduo. Contudo, esses procedimentos não se popularizaram no Brasil, o que sugere a necessidade desse tipo de informação para profissionais que atual nesta área e indivíduos que padecem desta condução. O objetivo geral dessa pesquisa foi propor um material didático acerca de intervenções em comportamentos aberrantes de acordo com o embasamento teórico da Análise do Comportamento direcionado a famílias de pessoas que apresentam esse comportamento. A pesquisa foi dividida em três estudos. O Estudo 1 trata de uma discussão conceitual sobre comportamento aberrante e a importância de uma padronização dos termos e expressões científicas. Este Estudo faz uma revisão do conceito de comportamento e por fim sobre o comportamento aberrante, que parece não haver padronização da expressão apesar de ser estudada pelos pesquisadores brasileiros. Não haver essa padronização gera prejuízos de comunicação científica e para a população. O Estudo 2 é uma revisão bibliográfica de artigos publicados entre os anos 2000 e 2011 sobre os procedimentos de intervenção com embasamento analítico comportamental para pessoas que apresentam comportamento aberrante. Seu objetivo foi levantar as investigações acerca dos procedimentos de intervenção praticados para a redução de comportamentos aberrantes nessa literatura. Nessa revisão foram encontrados 14 artigos que foram categorizados como: a) treino a pais, b) treino de habilidades específicas à pessoa que apresenta comportamentos aberrantes, c) arranjo de contingências por meio de esquemas de reforçamento diversos e/ou estímulos diversificados. Foram identificados na condução das intervenções: operação estabelecedora; esquemas de reforçamento em intervalo fixo, intervalo variável, reforçamento diferencial de outros comportamentos ou de comportamentos alternativos, entre outros. Esses dados mostram a eficácia de procedimentos fundamentados na Análise do Comportamento para reduzir a frequência de comportamentos aberrantes. O Estudo 3 foi a elaboração e validação social de um material didático destinado a pais e familiares que lidam com pessoas que apresentam comportamento aberrante a partir dos dados obtidos nos Estudos 1 e 2. Este material contempla alguns conceitos básicos da Análise do Comportamento, ensina a fazer Análise Funcional e dois procedimentos de intervenção para lidar com pessoas que apresentam comportamento aberrante, o Reforçamento Diferencial de Comportamentos Incompatíveis e Reforçamento Diferencial de Comportamentos Alternativos. Este material foi fornecido para sete familiares e estes responderam um questionário de satisfação e participaram de uma entrevista com a pesquisadora. O material se demonstrou válido, pois todos participantes demonstraram interesse e formaram boa avaliação. A compreensão da Análise Funcional e dos dois procedimentos de intervenção não foi completa, mas houve indicativos de aprendizagem de novas perspectivas.

Palavras-chave: Comportamento aberrante. Intervenção. Material didático.

Hamada, R. A. (2014). Behavior analytic intervention in aberrant behaviors: development of didatic materials. (Research project dissertation Master in Behavior Analysis unpublished). Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

Abstract

Aberrant behavior is a phenomenon heavily researched internationally whose intervention procedures that result in reducing the frequency of these behaviors and therefore generate reduction in damaging consequences to the individual. However, these procedures do not become popular in Brazil, which suggests the need for this kind of information for professionals in this area and present individuals who suffer from this conduct. The overall objective of this research was to propose a didactic material about interventions in aberrant behaviors according to the theoretical foundation of Behavior Analysis directed to families of people who exhibit this behavior. The research was divided into three studies. Study 1 is a conceptual discussion of aberrant behavior and the importance of standardization of scientific terms and expressions. This study reviews the concept of behavior and ultimately on aberrant behavior, which seems to be no standardization of expression despite being studied by Brazilian researchers. There is no such patterning generates losses of scientific communication and the public. Study 2 is a literature review of articles published between 2000 and 2011 on the procedures for intervention with behavioral analytic foundation for people who exhibit aberrant behavior. His goal was to raise inquiries about procedures practiced intervention to reduce aberrant behavior in this literature. In this review articles 14 which were categorized as: A) training the parents, b) specific training person presenting aberrant behavior, c) arrangement of contingencies through diverse and/or diverse stimuli skills reinforcement schemes. Were identified in the conduct of interventions: establishing operation; schedules of reinforcement at a fixed interval, a variable interval, differential reinforcement of other behaviors or alternative behaviors, among others. These data demonstrate the effectiveness of reasoned in Behavior Analysis to reduce the frequency of aberrant behavior procedures. Study 3 was the development and validation of a social didactic material aimed at parents and families who deal with people who exhibit aberrant behavior from the data obtained in Studies 1 and 2. This material includes some basic concepts of behavior analysis, teaches make Functional Analysis and two intervention procedures for dealing with people who exhibit aberrant behavior: Differential Reinforcement of Incompatible Behaviors, Differential Reinforcement of Alternative and Behaviors. This material was provided to seven family and they answered a satisfaction questionnaire and participated in an interview with the researcher. The material was shown valid, because all participants showed interest and formed good evaluation. Understanding the functional analysis and the two intervention procedures was not complete, but was indicative of learning new perspectives.

Lista de apêndice

Apêndice A: Carta convite aos participantes 117

Apêndice B: Termo de consentimento Livre e Esclarecido 119

Apêndice C: Termo de Coparticipação 122

Apêndice D: Inventário de Satisfação (adaptado) 123

Apêndice E: Roteiro de Entrevista 125

Apêndice F: Exemplo do material didático 129

Sumário

	Página
Introdução	9
Justificativa	19
Problema de pesquisa	20
Objetivos	20
Método	21
Resultados	23
Estudo 1	23
Resumos	27
Artigo	29
Referências	42
Estudo 2	45
Resumos	48
Introdução	51
Objetivos	52
Método	52
Resultados da pesquisa	53
Discussão e conclusão	68
Considerações finais	72
Referências	74
Estudo 3	76
Resumos	80
Introduções	82
Objetivo	84
Participantes	84

Instrumentos 85

Procedimento 85

Elaboração de material 86

Disponibilização do material didático aos familiares de pessoas que apresentam comportamentos aberrantes 88

Entrevista de devolução 89

Análise de dados 90

Material didático 90

Inventário de satisfação (adaptado) 90

Entrevista 90

Resultados e discussão 91

Avaliação do material didático. 91

Avaliação do questionário TAI adaptado 95

Avaliação das entrevistas. 97

Conclusão 100

Considerações finais 101

Referências 103

Conclusão e considerações finais 107

Referências 108

Apêndices 116

Contexto político brasileiro e a dificuldade de intervenção junto a pessoas com deficiência

Há muito tempo, o Brasil adota uma política de zelo pelo ser humano. Evidencia-se tal condição por meio da assinatura da Declaração Universal dos Direitos Humanos em 1948 (Assembleia Geral das Nações Unidas, 1948). Após o surgimento dessa Declaração, para reiterar o direito do tratamento igualitário a todas as pessoas, independente de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento, ou qualquer outra condição (Assembleia Geral das Nações Unidas, 1948) outros decretos foram validados. Um exemplo foi a Declaração de Salamanca (Brasil, 1994), que enfatiza que as pessoas com deficiência ou com repertório comportamental restrito, tenham os mesmos direitos que outras pessoas. Ou seja, mesmo que uma pessoa fosse diagnosticada com deficiência intelectual e não conseguisse realizar tarefas que outra pessoa de mesma idade conseguiria, ela teria o direito de receber educação como todos os outros, seja em escola regular ou em instituição.

O atendimento dos direitos das pessoas com deficiência não significa meramente inserção dessa população em meio aos outros. Considera-se como processo de integração apenas a inserção do indivíduo no mesmo ambiente que os demais, sem que haja necessariamente uma adaptação desse ambiente às especificidades da mesma. Por exemplo, estar presente em uma sala de aula, oferecer oportunidade ao aluno transitar no "sistema", da classe regular ao ensino especial, favorecendo o acesso à educação, sem efetivar a inclusão (Mantoan, 1993).

Diferentemente da integração, o que se defende atualmente é a inclusão das pessoas com deficiência. Entende-se por inclusão a inserção de pessoas com deficiência

a diversos contextos sociais e também a preparação do ambiente físico e social, o que mais completa essa interação. No exemplo do contexto escolar, "o conceito se refere à vida social e educativa e todos os alunos devem ser incluídos nas escolas regulares e não somente colocados na 'corrente principal'" (Mantoan, 1993)[1]. Em outras palavras, no processo de inclusão, as pessoas com deficiência não são apenas inseridas nas mesmas atividades que outras pessoas (sem deficiência). Deve haver um preparo do ambiente físico e social para que todos convivam com as diferenças, sem que haja desigualdade de condições para a participação nas atividades. É importante diferenciar a inclusão da integração porque é necessário mais planejamento e execução de atividades pró-inclusão do que simplesmente fazer as pessoas compartilharem do mesmo ambiente.

Portanto, além do processo de inclusão escolar, vale ressaltar que o processo de inclusão deve abranger outros aspectos, tais como a inclusão em contextos sociais, no trabalho, na saúde, no trânsito, nas vias públicas, em atividades de lazer, entre outros. Para isso acontecer deve-se investir em projetos que atendam a essas necessidades. No entanto, a maioria das discussões encontradas atualmente com relação à inclusão de pessoas é referente a pessoas com deficiência no contexto escolar.

Não só as pessoas que são diagnosticas com alguma deficiência precisam de apoio governamental para serem incluídas. Há outras pessoas que não tiveram seus diagnósticos fechados, pessoas que não receberam diagnóstico algum e há, também, as que receberam algum tipo de diagnóstico em que não está previsto nenhum auxílio para

[1] Alguns estudiosos discutem sobre o argumento de Mantoan defender a inclusão total e irrestrita de todas as pessoas na rede regular de ensino, mas essa discussão não será o foco deste trabalho porque este não se trata apenas de inclusão escolar. Trata-se de igualdade de recursos/informações a todas as pessoas, independente de seu diagnóstico e de seu ambiente.

sua inclusão nos diversos contextos, mesmo apresentando excessos ou déficits de comportamentos necessários para a sobrevivência de forma digna.

Mesmo considerando a existência da política de igualdade a todas as pessoas, é possível constatar que a situação real em que se encontram as escolas, clínicas, hospitais, prontos-socorros, postos de saúde e demais contextos que prestam serviços à comunidade não dispõem de profissionais suficientemente capacitados para atender adequadamente a população (Tribuna de Minas, 2013; Jornal do Leitor, 2013), principalmente em relação às pessoas que apresentam déficits comportamentais acentuados, que normalmente são nomeados como pessoas com deficiência. Tal condição reflete na desorientação dos pais, pois geralmente não são orientados em relação a como agir com os filhos porque os próprios profissionais normalmente não estão capacitados para isso.

A hipótese que se tem para a desinformação dos profissionais e consequentemente dos pais quanto ao controle de comportamentos persistentes e com consequências graves são várias. A primeira é que o número de pessoas que apresentam tais comportamentos se trata de um grupo relativamente pequeno e com necessidades muito específicas, e por isso é pouco conhecido e, cientificamente pouco estudado, sobretudo no Brasil. A segunda hipótese é que, mesmo sendo estudado, houve pouco investimento na comunicação dos resultados desses estudos para a população geral, já que isso implica em um grande investimento e até planejamento educacional em longo prazo.

Pessoas com deficiência apresentam condições a partir das quais comportamentos inadequados são comumente desenvolvidos. Estas condições podem estar relacionadas à perda ou diminuição sensorial da audição e/ou visão (conhecidos

como deficiência auditiva, deficiência visual, ou surdocegueira), perda ou disfunção de membros do corpo (conhecidos como deficiência física) e deficiência intelectual. A presença de tais condições interfere diferentemente na relação com o ambiente, e dessa forma, o desenvolvimento de comportamentos acontece de maneira distinta se comparado ao das pessoas que não apresentam tais condições, favorecendo a ocorrência de comportamentos considerados inadequados (Mendes, 2001).

Comportamentos inadequados e comportamentos aberrantes

Comportamento pode ser definido como a relação funcional existente entre o fazer do organismo e o ambiente. Sendo uma relação, não é material, nem palpável, nem estático; é um processo (Todorov, 2012). Para seu estudo, alguns autores (Botomé, 2001; Cortegoso & Coser, 2011) dividem-no arbitrariamente em respostas (ação do organismo), antecedentes (os eventos ambientais que acontecem antes da ação) e consequentes (os eventos ambientais que acontecem depois da ação). A relação entre esses três componentes é o que se chama comportamento.

Muito se descobriu sobre o fenômeno comportamento, implicando inclusive em avanços no próprio conceito, o que, por sua vez, tem impacto sobre as possibilidades de previsão e controle comportamental. Em decorrência da prática científica de publicar os estudos sobre os fenômenos pesquisados, foi necessário que se estabelecessem algumas terminologias para a comunicação entre as comunidades científicas.

O fenômeno dos comportamentos não aceitos socialmente, por exemplo, tem sido chamado como comportamento inadequado. Estudos como os de Bolsoni-Silva & Marturano (2002) apontam que o que os pais e/ou professores consideram como comportamentos inadequados são déficits ou excedentes comportamentais que

prejudicam a interação da criança com pares e adultos de sua convivência. Essa definição implica na questão de que é a sociedade que determina critérios para classificar os comportamentos como adequados ou inadequados, além de considerar também os prejuízos gerados por esses comportamentos às pessoas em volta. Portanto, a inadequação não está no comportamento em si.

Esses critérios, por serem determinados socialmente, podem variar de sociedade para sociedade. Normalmente, são aqueles dos quais os produtos do comportamento podem gerar prejuízos ao ambiente (social ou não). Por exemplo, roubar comida de um mercado; bater em um colega; mentir para o patrão, implica em prejuízos sociais. Desta forma, esta classe de comportamentos é muito ampla. Muitas pessoas, provavelmente, apresentaram ou já presenciaram algum desses comportamentos em alguma situação.

No entanto, dentro desse mesmo conjunto de comportamentos inadequados, há outro mais específico, que se refere a comportamentos que são persistentes, geram prejuízos graves, provocam muita estranheza para quem os observa e são estigmatizantes para a pessoa que os apresenta. É um fenômeno que pode ser também considerado como comportamento inadequado, mas convém ser diferenciado dos demais, já que apresenta características particulares e, além disso, traz consequências mais graves à saúde do indivíduo e da família quando comparado a outros comportamentos. Alguns exemplos são: bater a cabeça na parede até sangrar, gritar ou emitir sons de forma descontrolada em situações públicas persistentemente, ingerir substâncias ou objetos não comestíveis, entre outros (Fornazari, 2005).

A literatura norte americana denomina esse fenômeno de comportamento aberrante (Asmus, Wacker, Harding, Berg, Derby & Kocis, 1999; Derby et al, 1994; Weeks & Gaylord-Ross, 1981; Vollmer at al, 1998). Entretanto, no Brasil, essa

expressão parece gerar discussão devido ao significado culturalmente negativo associado à palavra aberrante, e por esse motivo, tem sido utilizado outras expressões como: comportamentos inadequados (Fornazari, 2000, 2005), comportamentos desafiadores, disruptivos, inadequados, mal adaptados, inadaptados, antissociais, distúrbios severos de conduta e indesejados (Mendes, 2001).

Essa indeterminação da expressão a ser utilizada no Brasil para o mesmo fenômeno pode gerar prejuízos em termos de avanços científicos, pois o acesso a tais pesquisas ficam prejudicados. Por exemplo, pesquisa como de Fornazari, Goyos, Camargo, Granero e Bezerra (2001) que se referem a estudos de comportamento aberrante, mas utilizam o termo "inadequado".

Além desse prejuízo, pode-se considerar também que a comunidade pode deixar de se beneficiar dos avanços da ciência por haver uma falha de comunicação entre a comunidade científica, apenas por questões terminológicas. Portanto, neste trabalho propõe-se a adoção da tradução da expressão norte americana "comportamento aberrante". Sugere-se esta proposta por vários motivos: a) condizer com a expressão norte americana, região que tem maior volume de publicações sobre esse fenômeno; b) exisitr publicações no Brasil que utilizam esse termo; c) diferenciar o fenômeno dos demais comportamentos inadequados; d) facilitar o acesso de pesquisadores e profissionais aos estudos desse fenômeno e, e) facilitar o acesso da comunidade geral a esses estudos.

Essa discussão resultou na elaboração de um artigo que é o Estudo 1 deste trabalho. O artigo visa fazer uma discussão conceitual sobre comportamento e mais especificamente, sobre a terminologia utilizada para nomear os comportamentos classificados como aberrantes.

Pelo fato de os comportamentos aberrantes serem considerados difíceis de manejar, inclusive por pais e profissionais que lidam com pessoas que apresentam esses comportamentos, identifica-se a necessidade de esclarecimentos nessa área para a população. Se parece não haver padronização dos termos para o fenômeno, muito provavelmente não há divulgação de conhecimentos já existentes na área.

Diante das dificuldades que a sociedade apresenta perante a necessidade de os profissionais das instituições estarem preparados para atender essa população, são necessários investimentos em capacitação de pais e profissionais.

Publicações sobre intervenção em comportamentos aberrantes com ênfase analítico comportamental

Existe um número considerável de publicações científicas de abordagem analítico comportamental na área de tratamento a pessoas que apresentam comportamentos aberrantes. Todavia, esse conhecimento parece não estar alcançando a população geral no Brasil. Há diversos estudos teóricos que versam sobre análise funcional desses comportamentos e vários trabalhos que relatam intervenções que apontam resultados positivos.

Entre os anos de 2000 e 2012, estudos como os de O'Reilly, Lancioni, King, Lally e Dhomhnaill (2000) relataram intervenções de treinamento a pais para a redução desses comportamentos, manipulando variáveis como: atribuir tarefas continuamente e retirar a tarefa quando o comportamento aberrante ocorre; reforçar em esquema de intervalo fixo de 10 segundos (FI10s); interagir com outras pessoas na presença do filho e reforçar em razão fixa 1 (FR1).

Outros estudos de autores como DeLeon, Kahng, Rodriguez-Catter, Sveinsdóttir e Sadler (2003) e Brown et al. (2000) propõem intervenções por meio do ensino de treinamento de habilidades específicas para a pessoa que apresenta comportamentos aberrantes, como o treino de comunicação funcional. Há também autores que propõem em seus estudos, manipulação de variáveis como esquemas de reforçamento e estímulos antecedentes para a redução dos comportamentos aberrantes (Gwin et al., 2005; Reed, Ringdahl, Wacker, Barretto & Andelman, 2005; Lancioni, O'Reilly, Singh, Oliva, Piazzolla & Groeneweg, 2004; Saunders, McEntee & Saunders, 2005; Asmus, Ringdahl, Sellers, Call, Andelman & Wacker, 2004; Keeney, Fisher, Adelinis & Wilder,2000; Piazza, Adelinis, Hanley, Goh & Delia, 2000; Patel, Carr, Kim, Robles & Eastridge, 2000; Roane, Fisher & Sgro, 2001; Golonka, Wacker, Derby, Harding & Peck, 2000; Britton, Carr, Kellum, Dozier & Weil, 2000).

Portanto, há estudos científicos publicados com relação à intervenção em comportamentos aberrantes e, consequentemente, há conhecimento suficiente para haver esclarecimento por parte da população que apresenta comportamentos aberrantes. Como pode ser notado, essas publicações são internacionais,e assim foi investigado se no Brasil tal conhecimento também foi estudado e divulgado para a população geral.

Publicações populares sobre o fenômeno dos comportamentos aberrantes com ênfase analítico comportamental no Brasil

Para a verificação da popularidade dos conhecimentos sobre intervenção analítico comportamental em comportamentos aberrantes, foi feita uma busca de material impresso direcionado a pais e/ou profissionais que lidam com os comportamentos em questão pelo Google Livros, um site de busca que delimita seus

resultados para livros. Os termos de busca foram: “comportamento aberrante” e “pais”; “psicologia”, “comportamento”, “deficiência” e “pais”; “comportamento” e “pais”.

Foram analisados o título, e quando necessário, a descrição e o sumário dos livros apresentados nas primeiras dez páginas do site de busca. De todas as combinações de palavras, nenhum resultado tinha relação específica com o tema comportamentos aberrantes (alguns se referiam ao conjunto maior de comportamentos inadequados), ou não eram destinados a público geral, ou não apresentavam como referencial a abordagem analítico comportamental.

A escassa transformação dessas publicações científicas em materiais direcionados ao público geral acerca do assunto indicou que esse conhecimento não é divulgado ao público geral. Dessa forma, o presente projeto de pesquisa parte de uma necessidade apresentada pela sociedade e isso denota a relevância social deste estudo. Apresenta-se necessidade de se pesquisar e divulgar no Brasil os conhecimentos científicos desenvolvidos pela pesquisa em Análise do Comportamento com relação à intervenção em comportamentos aberrantes por se notar que na literatura popular brasileira não foram encontradas publicações relacionadas ao tema e a população em questão não está sendo beneficiada desses avanços.

Desta forma, mostra-se a importância de realizar uma pesquisa aplicada voltada para pais de indivíduos que apresentem comportamentos aberrantes, com a proposta de contribuir para a melhoria da qualidade de vida desta população. Diante desta situação que o presente projeto tem como objetivo elaborar um material didático para auxiliar pais a intervirem em comportamentos aberrantes.

A proposta do material didático e a possibilidade de melhorar a qualidade de vida das pessoas que apresentam comportamentos aberrantes e de seus familiares

O material didático se propõe a ensinar análise funcional, alguns procedimentos de intervenção para a redução da frequência de comportamentos aberrantes e para o aumento da frequência de comportamentos adequados. Por ser um material didático, pode-se considerar que trata-se de um material no qual são apresentadas regras para se seguir, exposição às contingências e aprendizagem.

Para Skinner (1975), regras atuam como estímulo discriminativo, sendo eficazes como parte de um conjunto de contingências de reforço.

> Uma especificação completa deve incluir o reforço que modelou a topografia da resposta e colocou-a sob o controle do estímulo. Os reforços contingentes à estimulação anterior de máximas, regras ou leis, são às vezes as mesmas que as que modelam diretamente o comportamento (Skinner, 1975, p. 38).

Apenas demonstrar ou ditar regras não garante que o indivíduo irá conseguir se comportar como é predito na regra. No entanto, quando se instrui uma pessoa com uma regra, facilita a identificação de estímulos que se deve ficar sob controle para atingir um objetivo.

Segundo Matos (2001), o comportamento governado por regras é menos sensível a contingências que o comportamento modelado por contingências. No entanto, para a instalação de um novo comportamento complexo, a aprendizagem por meio de regras não impossibilita o desenvolvimento da sensibilidade ao controle de estímulos relevantes e, mais tarde, não precise ficar sob efeito apenas da regra, mas sim, sob controle das contingências. Dessa forma, a regra é um recurso muito utilizado porque maximiza o processo de aprendizagem. Assim, a proposta do material didático seria justamente a apresentação de informações as quais poderiam auxiliar na interação entre familiares e pessoas que apresentam comportamentos aberrantes.

Quanto à escolha das técnicas a serem ensinadas, considerou-se que as pessoas que apresentam comportamentos aberrantes comumente tem repertório comportamental reduzido (nos casos em que acompanham déficit intelectual) e também comportamentos autolesivos. Dessa forma, as técnicas que tem demonstrado eficácia em ambos os casos seria o: Reforçamento Diferencial de Comportamentos Alternativos (DRA)[2] e, também, o Reforçamento Diferencial de Comportamentos Incompatíveis (DRI)[3] (Fornazari, 2005).

O reforçamento diferencial permite o reforçamento de alguns comportamento e a extinção de outros. Dentro dessa categoria, há o DRA que permite o ensino de comportamentos novos, uma vez que seu procedimento consiste em fazer análise funcional do comportamento, ensinar comportamentos adequados e reforça-los. O DRI consiste em reforçar qualquer(quaisquer) outro(s) comportamento(s) que sejam incompatíveis com aquele previamente selecionado (no presente caso, comportamento aberrante). Dessa forma, justificam-se a escolha desses dois procedimentos, uma vez que atendem às necessidades que a população apresenta (Fornazari, 2005).

Justificativa

Os comportamentos aberrantes geram, por definição, consequências prejudiciais à pessoa que os apresenta e também às pessoas que convivem com ele. Isso deprecia a saúde, o que não deveria acontecer, pois legalmente, saúde é direito de todos. O indivíduo que apresenta comportamentos aberrantes pode sofrer discriminação, estigmatização, restrição do convívio social, problemas de relacionamento famíliar e

[2] Em Português, a tradução da sigla seria RDCA, mas optou-se por utilizar DRA porque na literatura brasileira essa sigla é muito utilizada. No entanto, se tivesse sido usado a sigla em Português no material didático, talvez, outros resultados seriam obtidos.
[3] Em Português, a tradução da sigla seria RDCI.

muitas vezes não estar sob atendimento profissional adequado. Desta forma, pesquisas científicas podem contribuir para amenizar tais consequências para essa população e contribuir para a comunidade científica brasileira no sentido de descobrir se os procedimentos descritos na literatura são exequíveis na comunidade. A etapa seguinte é propagar esses conhecimentos para a comunidade e avaliar o quanto essa divulgação é benéfica para a sociedade.

Problema de pesquisa

Diante da carência de conhecimentos sobre intervenção em comportamentos aberrantes apresentados pela população e também diante da produção científica acerca de intervenções nesses mesmos comportamentos, a pergunta ou o problema de pesquisa foram: Por que é importante padronizar a expressão do fenômeno que caracteriza o comportamento aberrante? O que a há na literatura científica Analítico Comportamental que poderia ajudar pais e familiares a lidar com comportamentos aberrantes? Como a Análise do Comportamento pode ajudar na intervenção para a redução de comportamentos aberrantes por meio de um material didático direcionado às famílias de pessoas que apresentam esses comportamentos?

Objetivo

Identificar publicações sore intervenções com comportamentos aberrantes para propor e validar socialmente um material didático direcionado a familiares de pessoas com tais comportamentos de acordo com o embasamento teórico da Análise do Comportamento.

Objetivos específicos.

- Levantar na literatura analítico comportamental as investigações acerca dos procedimentos de intervenção praticados para a redução de comportamentos aberrantes;
- Elaborar um material didático de acordo com a literatura analítico comportamental que atenda a demanda da população em questão com o objetivo de redução de comportamentos aberrantes;
- Fazer uma validação social do material elaborado por meio de aplicação do Inventário de Satisfação (adaptado) com os familiares que receberem o material.

Método

A caracterização da pesquisa foi a aplicada e prospectiva, pois houve o encontro das necessidades que a população apresenta e aplicação do conhecimento produzido generalizado a outros contextos, além de conduzido a partir do momento presente e caminhar em direção ao futuro, gerando novos conhecimentos e publicando-os (Luna, 1997; Fontelles, Simões, Farias e Fontelles, 2009).

A pesquisa foi dividida em três estudos que resultaram em um artigo cada um. O primeiro estudo consiste em uma discussão conceitual acerca da definição de comportamento e, mais especificamente, comportamento aberrante enfatizando-se a importância da padronização de termos e expressões.

O Estudo 2 trata de um levantamento bibliográfico em relação a procedimentos de intervenção sobre comportamento aberrante em três bases de dados disponíveis no Portal da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e

também no periódico JABA. Por se tratar de um levantamento bibliográfico, a coleta de dados deste estudo já foi realizada.

O terceiro estudo foi a elaboração e avaliação do material didático direcionado a pais que lidam com pessoas que apresentam comportamentos aberrantes. Todos os Estudos foram complementares, pois o primeiro subsidiou os outros dois e o segundo subsidiou o terceiro.

Resultados

Estudo 1.

A seguir, apresenta-se um artigo com discussão conceitual acerca da definição de comportamento e comportamento aberrante enfatizando-se a importância da terminologia.

Comportamento aberrante: uma terminologia possível?

Comportamento aberrante: uma terminologia possível?

Raquel Akemi Hamada

(Graduada em Psicologia na Universidade Estadual de Londrina – PR e Mestranda em Análise do Comportamento pela Universidade Estadual de Londrina – PR. Bolsista da CAPES. E-mail: psicorah@gmail.com)

Victor Hugo Basseto

(Graduado em Psicologia na Faculdade Pitágoras –PR e Mestrando em Análise do Comportamento pela Universidade Estadual de Londrina – PR. E-mail: victor_bst@hotmail.com)

Nádia Kienen

(Doutora em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina e Docente do Programa de Mestrado em Análise do Comportamento na Universidade Estadual de Londrina – PR. E-mail: nadiakienen@gmail.com)

Camila Muchon de Melo

(Doutora em Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos, com período no exterior, na University of South Australia. Pós-Doutora em Instituto Nacional sobre o Comportamento, Cognição e Ensino. E-mail: camuchon@uel.br)

Silvia Aparecida Fornazari

(Doutora em Educação Escolar pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – SP e Docente do Programa de Mestrado em Análise do Comportamento na Universidade Estadual de Londrina- PR. E-mail: silfornazari@gmail.com.br)

Resumo

O Behaviorismo Radical, enquanto uma filosofia monista, preza pela descrição, especificação e a não classificação dos termos. Em algumas situações, nomear comportamentos é simplesmente uma forma de poder tê-los descritos. Os comportamentos nomeados como aberrantes (expressão utilizada internacionalmente), são comportamentos persistentes, que produzem prejuízos graves às pessoas que os apresentam e às pessoas com quem convivem, além de produzir muita estranheza para quem os observa e estigmatização para as pessoas que os apresentam. Porém, esta nomenclatura tem sido julgada como pejorativa pela sociedade e, também, por alguns pesquisadores brasileiros, o que tem dificultado as pesquisas científicas referentes a esta classe de comportamentos específicos, além de sua propagação para a comunidade geral. Mesmo considerado como uma expressão pejorativa, o comportamento aberrante é considerado como qualquer outro comportamento operante, sendo selecionado e mantido por suas consequências. O objetivo deste artigo é justificar a importância de padronizar termos e expressões utilizados para fenômenos específicos, como o comportamento aberrante, mesmo quando os termos parecem se contrapor aos pressupostos da filosofia Behaviorista Radical.

Palavras-chave: Terminologia; comportamento aberrante; behaviorismo radical

Abstract

Radical Behaviorism, as a monistic philosophy, values the description, specification and no classification of terms. In some situations, naming behavior is simply a way of being able to have them described. Aberrant behaviors are persistent behaviors that produce serious damage to person who show and to the people around them, besides producing much strangeness to the beholder and stigmatization for people presenting them. However, this nomenclature has been judged as pejorative by the society and also by some Brazilian researchers, which has hindered scientific research relating to this class of specific behaviors, and its spread to the general community. Even considered as a pejorative expression, aberrant behavior is considered as any other operant behavior being selected and maintained by its consequences. The aim of this paper is to justify the importance of standardizing terms used for specific phenomena, such as aberrant behavior, even when the terms appear to counteract the assumptions of philosophy Radical Behaviorist.

Keywords: Terminology; Aberrant Behavior; Radical Behaviorism

Comportamento

A literatura que estuda o comportamento define o conceito como uma relação simultânea entre organismo-ambiente, sendo considerado pela Análise do Comportamento como uma relação de interdependência entre os eventos ambientais, os eventos comportamentais, os estados comportamentais e os processos comportamentais (Lopes, 2008). Uma concepção relacional do Behaviorismo Radical, apontando que essa concepção defende a prioridade da relação sobre os elementos relacionados, é adotada por Lopes (2008). De acordo com o autor, a relação se dá entre eventos ambientais (estímulos) e eventos comportamentais (respostas), sendo que não existe estímulo que não esteja relacionado com a resposta, assim como não há resposta que não esteja relacionada com o estímulo. Falando sobre a relação simultânea entre organismo-ambiente, também não seria possível existir organismo que não estivesse em relação com o ambiente, assim como ambiente que não estivesse em relação com o organismo.

Os pesquisadores dessa área discutem ainda que o comportamento é mutável e acontece como um fluxo, fluido e evanescente, e envolve uma coordenação sensório-motora, relacionada à susceptibilidade aos estímulos. Para ser possível prever e alterar comportamentos, a Análise do Comportamento faz "recortes" desta natureza contínua, sendo a partir desse recorte e sua descrição, que se tem acesso aos episódios comportamentais que tornam possível estabelecer a relação entre a topografia e a função dos comportamentos (Skinner, 1953/1981; Lopes, 2008). Se comportamento é essa relação e não existe um agente iniciador para que ele aconteça, não existe outra ordem, ou *status*, onde os estímulos ou as relações estão aprisionadas; todas elas são referentes ao *status* físico (Skinner, 1953/1981).

A partir desse conceito da literatura behaviorista, se todos os comportamentos são vistos como relações e não podem ter outra ordem, nenhum comportamento poderia ser referido diferentemente, ou seja, nenhum comportamento poderia ser denotado como se houvesse um agente iniciador, por exemplo. Mas algo semelhante acontece em alguns comportamentos. Alguns estudos, como no caso das habilidades sociais, classificam alguns comportamentos como habilidosos descrevendo que estes são a capacidade para: iniciar e manter conversações; falar em público; expressar amor, afeto e agrado; defender os próprios direitos; solicitar favores; recusar pedidos; fazer obrigações; aceitar cumprimentos e elogios; expressar as próprias opiniões, mesmo os desacordos; expressar justificadamente quando se sentir incomodado, enfadado, desagradado; saber se desculpar ou admitir falta de conhecimento; pedir mudança de comportamento do outro e saber enfrentar as críticas recebidas (Caballo, 1996). A impressão que se tem é que, quando esse comportamento é nominado, ou classificado, está se infringindo o conceito de comportamento por este estar indicando a existência de algum agente iniciador, ou algo aprisionado que irá surgir em certos momentos. Porém, essa pressuposição é comum da cultura em que as pessoas estão inseridas e é próprio da linguagem.

O que deve ser discutido, é justamente essa pressuposição. Quando os analistas do comportamento se referem a certos fenômenos, que são identificados com nomes, esses comportamentos não se tornam referentes a outro *status*, eles continuam a ser relações entre organismo-ambiente, envolvendo a susceptibilidade a estímulos e todas as outras características de um comportamento operante. Simplesmente são nomeações (ou até descrições) dadas a um grupo de contingências específicas, o que não os tornam

comportamentos diferentes de qualquer outro. Não se pressupõe nenhum agente iniciador. Quem pressupõe isso é a cultura em que se está inserido.

Uma breve discussão sobre o comportamento adequado e o inadequado

Alguns estudiosos adotam a expressão "comportamento inadequado" para se referir ao que os pais e/ou professores consideram como déficits ou excedentes comportamentais que prejudicam a interação da criança com pares e adultos de sua convivência (Bolsoni-Silva e Marturano, 2002). Fornazari, Goyos, Camargo, Granero e Bezerra (2001) utilizam a mesma expressão "comportamento inadequado" para se referir a outros fenômenos, tais como interação de pessoas com deficiência mental severa ou profunda que apresentam comportamentos autolesivos, agressões e estereotipias, além de ter repertório limitado em diversas áreas. No entanto, a mesma expressão utilizada pelos autores parece ter sentidos bem diferentes, sendo a primeira mais genérica e com consequências menos prejudiciais para o indivíduo que emite esses comportamentos e para a sociedade em que ele está inserido.

Mendes (2001) afirma ainda que tais fenômenos relatados por Fornazari, Goyos, Camargo, Granero e Bezerra (2001) podem ser referidos também pelos nomes: comportamentos disruptivos, inadequados, mal adaptados, inadaptados, anti-sociais, distúrbios severos de condutas ou indesejados ou até comportamentos aberrantes. Parece haver assim, uma confusão entre nomenclatura e fenômenos a que se referem. Há termos e expressões idênticas para se referir a fenômenos distintos e há, também, diversos termos e expressões diferentes para tratar de um mesmo fenômeno. Isso causa confusão e atrapalha o desenvolvimento dos conceitos científicos.

Como discutido anteriormente, nomear um conjunto de comportamentos como aberrante ou outra expressão qualquer, não os torna diferentes de todos os outros, conceitualmente. Quando se diz que o comportamento é uma relação entre organismo e ambiente, sendo que o organismo não existiria sem o ambiente, e vice-e-versa, não se está tornando o ambiente preso a um outro *status* diferente do organismo, está-se simplesmente descrevendo características específicas dos ambientes nos quais um determinado fenômeno acontece, assim como se faz quando denominamos comportamentos ou classes de comportamentos específicos, mesmo que os nomes não tenham um consenso entre autores. Ou seja, mesmo que haja denominação de comportamentos específicos, não se quer dizer que estamos classificando os comportamentos (o que é incompatível com a filosofia behaviorista), estamos apenas tentando descrever a quais fenômenos estamos nos referindo.

Voltando à confusão existente entre nomes idênticos para fenômenos diferentes e vice-versa, justifica-se a importância de padronizar termos e expressões utilizados para esses fenômenos específicos, como o comportamento aberrante, mesmo quando os termos parecem se contrapor aos pressupostos da filosofia Behaviorista Radical.

Ullmann & Krasner (1969) discutem que o termo "anormalidade", utilizado para se referir aos comportamentos que violam as expectativas interpessoais de maneira que requerem intervenções profissionais, implica na definição do que é anormal ou inadequado, devendo existir critérios. Assim "Uma definição de anormalidade deveria ter certos critérios. O primeiro já está explícito: a definição de 'anormal' deveria incluir todas as pessoas que são anormais e nenhuma pessoa que não é" (Ullmann & Krasner, 1969, p. 11).

No entanto, ao se estabelecer esses critérios, há de se considerar a visão que a sociedade tem em relação aos comportamentos, uma vez que esse julgamento é feito a partir do número de vezes que os observadores se depararam com tal fenômeno. Mas, essa visão comumente muda de sociedade para sociedade e por ocasião de tempo. Por exemplo, uma pessoa alimentar-se de carne de cachorro ou gato em nossa sociedade é considerado um horror, ou seja, anormal. Em comunidades principalmente do sul da China, é possível se encontrar o comércio desse tipo de carne nas calçadas (Notícias Terrra, 2013). Outro exemplo, agora, que envolve a ocasião de tempo, é o uso de calça por mulheres, que antes da 2ª Guerra Mundial era considerado no mínimo estranho, já que o costume era apenas usar longos e bufantes vestidos. Hoje em dia, mulheres usarem calças é comum e muito bem aceito. Essas variáveis e diferenças que existem em cada situação dificultam a conceituação do que é ou não é normal, e não favorece o estabelecimento de critérios precisos e duradouros.

Essa variabilidade dos critérios utilizados para classificar os fenômenos interfere no que foi apresentado por Ullmann & Krasner (1969) anteriormente, de que os critérios devem ser bem definidos e bem estabelecidos de forma que um determinado fenômeno não possa estar sujeito a ter duas definições contrárias. Dessa forma, podemos concluir que neste quesito, quando falamos de comportamentos aberrantes, não há um padrão normativo universal, pois é determinado de cultura para cultura e difere de época para época. Apesar disso, há também comportamentos que podem ser considerados aberrantes em qualquer cultura ou época, como por exemplo o consumo de fezes.

Outro ponto a ser retomado é o conceito de comportamento para a Análise do Comportamento. Para este, não se permite a classificação do comportamento, pois a teoria preza sua descrição, identificação de variáveis funcionais (Skinner, 1953/1981).

Ao se entender que o comportamento é um fluxo contínuo e que é considerada a história do indivíduo para acontecer (modelo contextualista), o comportamento é único.

> O comportamento é uma matéria difícil, não porque seja inacessível, mas porque é extremamente complexo. Desde que é um processo, e não uma coisa, não pode ser facilmente imobilizado para observação. É mutável, fluido e evanescente, e, por certa razão faz grandes exigências técnicas da engenhosidade e energia do cientista (Skinner, 1953/1981, pp.27).

Se cada organismo é diferente do outro e se relaciona com o ambiente a todo o momento, a construção da sua história é diferente de todos e portanto, todo o comportamento será único. Se ele é único, não faz sentido dizer que tal comportamento é anormal, uma vez que todo comportamento é diferente.

Outro ponto a ser discutido é que essa classificação do que é ou não é aberrante ocorre quando se compara classes de comportamento que são comuns em determinadas culturas. Há situações de interação entre organismo e ambiente (contingências) que são mais comuns de acontecerem em um contexto, e aquelas que não são comuns, rotuladas como anormais, por exemplo. Mas essa classificação não está condizente com o que a filosofia behaviorista prediz.

Uma das variáveis presentes nessa incoerência é que é próprio do comportamento verbal fazer a classificação dos eventos em categorias, por ser reforçado tendo como consequência uma comunicação eficiente. Assim, classificar e denominar de comportamentos aberrantes certos tipos de fenômenos é aceitável pelo ponto de vista da comunicação, mas não pelo ponto de vista conceitual behaviorista.

Apesar disso, Ullmann & Krasner (1969) defendem que utilizar termos como “anormal”, “desviante”, “mal ajustado” ou outros termos para se referir a comportamentos, indicam que há comportamentos bons e ruins; saudáveis e doentes; normais e anormais; gerando uma dicotomia que também não é compatível com a filosofia Behaviorista Radical.

Sant'Anna (2001) já dissertou sobre a perspectiva otimista do comportamento em que o modelo de seleção pelas consequências implica. Quando ocorre um comportamento que parece disfuncional, prejudicial ou negativo aos olhos de quem os observa hoje, é preciso lembrar que esse comportamento foi selecionado pelas consequências e por isso persiste. Se há consequências imediatas que evidentemente são prejudiciais para aquele organismo que o apresenta, o comportamento continua a ocorrer porque na história desse organismo as consequências selecionaram essas respostas e essas contingências foram fortalecidas. Em palavras simples, foi a melhor forma pela qual o organismo aprendeu a interagir com o ambiente. Nesse sentido, mesmo quando o comportamento carrega o nome de aberrante, inadequado ou qualquer outro termo, a questão relevante em uma análise científica são as relações do organismo com o ambiente que já ocorreram. O importante seria identificar quais as variáveis relevantes e também investigar na história ontogenética, o mais detalhadamente possível, como foi o desenvolvimento desse repertório, independentemente do nome que se dá ao comportamento.

Há uma discussão parecida com relação à noção de psicopatologia, tratada por Gongora (2003). A autora defende que independentemente do diagnóstico que o paciente receba (no Modelo Médico), o importante para o psicólogo analítico-comportamental é investigar funcionalmente o comportamento. A terminologia utilizada pelos médicos (que seriam os termos do DSM V (2013), no caso) apenas facilitariam a comunicação entre psicólogos, pesquisadores e profissionais de áreas afins, além da população geral.

A nomenclatura e sua importância

A adoção de termo rotulador ou nomeador de um comportamento parece contradizer os princípios filosóficos da teoria Behaviorista Radical, uma vez que implica em uma dicotomia ou classificação ou um recorte de um processo que é contínuo. Mas então, como tratar os fenômenos distintamente sem confundi-los? Como tratar tal fenômeno de forma a divulgar/comunicar/estudar tais fenômenos sem nomeá-los?

Nomear eventos, caracterizando-os, auxilia a comunidade a discriminar os fenômenos. Isso ajuda a comunidade verbal a compreender os fenômenos, o que inclui a comunidade científica. Esta seria uma razão pela qual ainda se mantém o hábito de nomear eventos neste meio, ainda que implique em infringir os princípios conceituais, conforme os argumentos apontados anteriormente. Portanto, por questões práticas e por razões de facilidade de comunicação científica, é evidente as vantagens de adotar termos ou expressões, mesmo que eles denotem contradições à filosofia que embasa o modelo de ciência.

Referir-se ao fenômeno do comportamento (quer seja ele anormal, ou aberrante, ou inadequado), para o modelo de ciência que se estuda o comportamento, implica em dizer que o comportamento pode ser compreendido como um fluxo contínuo, e principalmente, sem diferença de natureza entre comportamentos ou nos processos pelos quais eles se estabelecem e se desenvolvem. Mas, quando se adjetiva o comportamento com tais palavras, a audiência consegue (ou aprenderá a) identificar os fenômenos a que se referem, e isso não tornaria este comportamento diferente de natureza de outro operante qualquer, apenas descreveria características peculiares, porém o manteria com o mesmo *status* e com a mesma conceituação filosófica. Assim

como quando se nomeia comportamento de pressão à barra, comportamento de caminhar, comportamento de se vestir, comportamento habilidoso socialmente etc.

Dessa forma, defende-se a ideia de que é necessário (ou no mínimo, muito útil) nomear comportamentos, e mais, há de ter uma padronização dos termos utilizados na comunicação científica, primeiramente descrevendo-se o fenômeno e, em seguida, denominando-o. Mais um bom motivo para a defesa dessa tese é que um dos papéis mais importantes da ciência é a divulgação de seus estudos. Divulgar o que se estuda sem nomear o fenômeno torna a repercussão mais difícil.

O comportamento aberrante

Os comportamentos aberrantes são um conjunto de comportamentos persistentes, que geram prejuízos graves à pessoa que os apresenta e, também, às pessoas que convivem com ela, causam estranheza para quem os observa e são estigmatizantes para a pessoa que os apresentam (Fornazari, 2005). O comportamento aberrante deve ser diferenciado dos comportamentos inadequados, já que apresenta características muito particulares e, além disso, traz consequências mais graves à saúde do indivíduo e da família. Nota-se que os comportamentos aberrantes estão dentro do conjunto de comportamentos inadequados, mas nem todo comportamento inadequado é aberrante. Alguns exemplos de comportamento aberrante que se está descrevendo e nominando seriam: bater a cabeça até sangrar persistentemente, ingerir substâncias não comestíveis persistentemente, arrancar os cabelos de forma persistente, entre outros.

Na literatura norte americana esse fenômeno é denominado de "*aberrant behaviour"* (Asmus *et al.* (1999); Derby *et al.* (1994); Weeks e Gaylord-Ross (1981); Vollmer *et al.* (1998)). Entretanto, no Brasil, essa expressão parece gerar discussão

devido ao significado culturalmente negativo associado à palavra “aberrante”, e talvez por esse motivo, têm sido utilizadas outras expressões como: comportamentos desafiadores, disruptivos, inadequados, mal adaptados, inadaptados, antissociais, distúrbios severos de conduta e indesejados (Mendes, 2001), além do termo aberrante.

Essa falta de padronização do termo científico para o mesmo fenômeno (não só no Brasil) pode prejudicar os avanços científicos. Novos pesquisadores podem não conseguir acesso a pesquisas que foram e estão sendo feitas acerca do mesmo fenômeno; ou se há acesso, esse acesso é dificultado em função do uso de nomenclaturas diferentes. Por exemplo, há pesquisas, como a de Fornazari, Goyos, Camargo, Granero e Bezerra (2001); Fornazari (2000) e Fornazari (2005) que se referem a estudos de comportamento aberrante, mas utilizam o termo “inadequado”. Além dessa perda de divulgação científica, pode-se considerar também que há perdas para a comunidade geral, que pode não ser beneficiada pelo motivo de a comunidade científica não ter um consenso terminológico e por consequência, não conseguir divulgar seus avanços a ela.

A proposta deste estudo foi justamente discutir o uso do termo aberrante e sugerir adotá-lo, uma vez que já existe uma vasta publicação norte americana fazendo uso desse termo e é a expressão que mais caracteriza o fenômeno, excluindo-se seu significado pejorativo. Além disso, o sentido pejorativo não está relacionado ao termo, mas ao fenômeno, portanto, independentemente do termo adotado, sempre haverá esse sentido pejorativo.

O termo comportamento aberrante pode não ser aceito pela comunidade geral. Em uma pesquisa (Hamada, Kienen e Fornazari 2014 não publicado) cujo objetivo foi realizar validação social de um material didático destinado a pais e familiares de

pessoas que apresentam comportamentos aberrantes procurou-se avaliar o que os familiares achavam da expressão "comportamento aberrante". Seis mães e uma irmã com tal padrão comportamental participaram do estudo. Três das respostas obtidas foram que a expressão não causou susto ou espanto, pois trata-se mesmo de um fenômeno anormal e incomum. Uma defendeu o termo dizendo que por observar esses fenômenos todos os dias em sua casa, o termo expressava bem o que acontecia. Duas pessoas consideraram a expressão pesada ou exagerada, mas não conseguiram apontar nenhuma outra palavra para substituir a expressão para caracterizar o fenômeno. Houve uma participante que defendeu que essa expressão causou menos impacto do que outras expressões utilizadas em outros lugares, pois explica que é um comportamento, e não uma característica da pessoa presente a todo momento. Essas respostas demonstram que poderia haver aceitação da expressão desde que fosse explicada, divulgada e utilizada pelos profissionais que trabalham com essa população. Nessa pequena pesquisa, essa expressão não causou total repúdio para esses familiares.

A opinião dessas participantes é importante e deveria ser levada em consideração porque elas fazem parte da comunidade verbal. Nessa amostra observou-se que, apesar de a expressão "comportamento aberrante" causar impacto, a maioria concordou que era a expressão mais adequada para descrever o fenômeno. Uma das justificativas de se continuar a usar tal expressão foi justamente a efetividade da comunicação. Quanto mais usada uma expressão que descrevia bem o fenômeno, mais as pessoas entenderiam do que se tratava. Essa ideia refutaria então a teoria de que se deveria selecionar outra expressão menos impactante.

Considerações finais

Utilizar a expressão comportamento aberrante parece contrariar a filosofia behaviorista e denota agressão a população que a ouve. Porém, o uso padronizado dessa expressão facilita a comunicação entre a comunidade geral e a científica. Essa comunicação é importante para que os conhecimentos cheguem às famílias e comunidades que se beneficiarão dela.

Além disso, assim como na Análise Comportamental se utiliza de outras expressões como: comportamento depressivo, comportamento ansioso e comportamento inadequado para estudar o fenômeno e produzir conhecimentos novos acerca do tema, a expressão comportamento aberrante também deveria ser utilizada para melhorar a comunicação dentro da própria comunidade científica. Isso propicia que mais estudos sejam realizados. Dessa forma, a produção de conhecimento aconteceria de forma mais rápida e eficaz, gerando resultados promissores.

Assim como outras expressões citadas anteriormente, a expressão comportamento aberrante também seria utilizada como uma descrição do fenômeno, e não como uma classificação do comportamento (incoerente com a filosofia behaviorista). Essa descrição auxilia na melhor compreensão do fenômeno. Se não houvesse um nome ou uma expressão que caracterizasse o fenômeno, poderia acontecer de não existir procedimentos mais indicados a essa classe de comportamentos, pois esses comportamentos seriam considerados como comportamentos inadequados comuns. Cabe então, inicialmente, divulgar essa expressão no Brasil.

A produção de trabalhos acerca de manejo de comportamentos aberrantes tem sido dificultada devido às barreiras em localizar as produções referentes a mesma classe de comportamentos, pois não há padronização dos termos. É correto considerar que que esses comportamentos não deixam de ser comportamentos selecionados e mantidos

pelas consequências, porém, nomeá-los a partir de suas características comumente observadas pode produzir avanços no meio científico e principalmente, resultados satisfatórios em tratamentos com a população geral. Acredita-se que, uma vez que seja mais fácil esse conhecimento ser transmitido e divulgado entre os cientistas e profissionais interessados, maiores serão as produções (sejam elas acadêmicas ou aplicadas) e maiores os benefícios para a sociedade em geral.

Referências

American Psychiatric Association. (2013). Diagnostic and statistical manual of mental disorders (5th ed.). Arlington, VA: American Psychiatric Publishing.

Asmus, J. M., Wacker, D. P., Harding, J., Berg, W. K., Derby, M. & Kocis, E. (1999). Evaluation of antecedent stimulus parameters for the treatment of escape-maintained aberrant behavior. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 32(4), 495-513.

Bolsoni-Silva, A. T. & Marturano, E. M. (2002). Práticas educativas e problemas de comportamento: uma análise à luz das habilidades sociais. *Estudos em psicologia*, 7(2). Recuperado de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2002000200004&lng=en&nrm=iso

Caballo, V. E. (1996). *Manual de técnicas de terapia e modificação do comportamento*. Livraria Editora Santos:São Paulo, SP.

Derby, K. M., Wacker, D. P., Peck, S., Sasso, G., DeRaad, A., Berg, W. … Ulrich, S. (1994). Functional analysis of separate topographies of aberrant behavior. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 27(2), 267-278.

Fornazari, S. A. (2000). Redução de comportamentos inadequados em portadores de deficiência mental, no treino para o trabalho (dissertação de mestrado não publicada). Unversidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP.

Fornazari, S. A. (2005). *Comportamentos inadequados e produtividade em pessoas com deficiência mental ou múltipla em ambiente educacional* (tese de doutorado não publicada). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara.

Fornazari, S. A., Goyos, C., Camargo, K., Granero, F. & Bezerra, C. (2001). Comportamentos inadequados e produtividade de indivíduos deficientes mentais no trabalho. *Perspectivas multidisciplinares em educação especial II*, 667-673.

Gongora, M. A. N. (2003). Noção de Psicopatologia na Análise do Comportamento. In: Carlos Eduardo Costa; Josiane Cecilia Luzia; Heloísa Helena Nunes Sant'Anna. (Org.). *Primeiros Passos em Análise do Comportamento e Cognição.* 1ªed.Santo André: ESETec, p. 93-109.

Hamada, R. A., Kienen, N. & Fornazari, S. A. (2014). Ensinando pais a lidar com os comportamentos aberrantes de seus filhos: elaboração e avaliação de um material didático impresso autoinstrucional. (artigo de dissertação de mestrado não publicado). Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

Lopes, C. E. (2008). Uma proposta de definição de comportamento no behaviorismo radical. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva, 10(1), 1-13.* Recuperado de http://www.usp.br/rbtcc/index.php/RBTCC/article/view/206/172

Mendes, E. G. (2001). Comportamentos aberrantes ou desafiadores? In Marquezine, M. C., Almeida, M. A. & Tanaka, E. D. O. (orgs.). *Perspectivas multidisciplinares em educação especial II*. 2, 321-332.

Notícias Terra. (22 de dezembro de 2013). Ásia: Servida na rua, carne de cachorro é iguaria no inverno chinês. Recuperado em http://noticias.terra.com.br/mundo/asia/servida-na-rua-carne-de-cachorro-e-iguaria-no-inverno-chines,ec53a1d7df913410VgnVCM10000098cceb0aRCRD.html.

Sant'Anna, R. C. (2001) Behaviorismo radical: o comportamento sob uma perspectiva otimista In Guilhardi, H. J., Madi, M. B. B. P., Queiroz, P. P., & Scoz, M. C.

(Orgs.). (2001). Sobre comportamento e cognição: Vol. 7. Expondo a variabilidade. Santo André: Esetec

Skinner, B. F. (1953/1981). *Ciência e Comportamento Humano*. São Paulo: Martins Fontes.

Ullmann, L. P., Krasner, L. (1969). *A psychological approach to abnormal behavior*. Englewood Cliffs. NJ: Prentice-Hall

Vollmer, T. R., Progar, P. R., Lalli, J. S., Camp, C. M. V., Sierp, B. J., Wright, C. S. … Eisenschink, K. J. (1998). Fixed-time schedules attenuate extinction-induced phenomena in the treatment of severe aberrant behavior. *Journal of Applied Behavior Analysis,* 31(4), 529-542.

Weeks, M. & Gaylord-Ross, R. (1981). Task difficulty and aberrant behavior in severely handicapped students. *Journal of Applied Behavior Analysis,* 14(4), 449-463.

Estudo 2.

O Estudo 2 trata de uma revisão bibliográfica de artigos publicados entre os anos de 2000 e 2011 sobre os procedimentos de intervenção com embasamento analítico comportamental para pessoas que apresentam comportamento aberrante. Os resultados buscam fundamentar os procedimentos que serão indicados no material didático proposto no Estudo 3. Este estudo fundamenta um dos objetivos específicos da dissertação que é levantar na literatura analítico comportamental as investigações acerca dos procedimentos de intervenção praticados para a redução de comportamentos aberrantes.

Procedimentos de intervenção para redução de frequência de comportamentos aberrantes: uma revisão bibliográfica

Procedimentos de intervenção para redução de frequência de comportamentos aberrantes: uma revisão bibliográfica

Raquel Akemi Hamada

(Psicóloga graduada na Universidade Estadual de Londrina – PR e Mestranda em Análise do Comportamento pela Universidade Estadual de Londrina – PR. Bolsista da CAPES. E-mail: psicorah@gmail.com)

Nádia Kienen

(Doutora em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina e Docente do Programa de Mestrado em Análise do Comportamento na Universidade Estadual de Londrina – PR. E-mail: nadiakienen@gmail.com)

Márcia Cristina Caserta Gon

(Doutora em Ciências/Psicobiologia pela Universidade de São Paulo – Ribeirão Preto e Docente do Programa de Mestrado em Análise do Comportamento na Universidade Estadual de Londrina – PR. E-mail: marciagon@sercomtel.com.br)

Silvia Aparecida Fornazari

(Doutora em Educação Escolar pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – SP e Docente do Programa de Mestrado em Análise do Comportamento na Universidade Estadual de Londrina- PR. E-mail: silfornazari@gmail.com)

Resumo

Uma população que necessita de ajuda profissional é uma das que apresenta comportamentos aberrantes. Esses comportamentos prejudicam o bem-estar do indivíduo por serem incomuns e difíceis de serem manejados e causam sofrimento a família e desconforto a sociedade. Diante disso, propôs-se realizar um levantamento bibliográfico acerca de estudos que utilizaram procedimentos de intervenção para a redução da frequência de comportamentos aberrantes. Foi realizada uma busca eletrônica nas bases de dados: Science Direct, Scopus (Elsevier) e Web of Science; e também no periódico Journal of Applied Behavior Analisys (JABA). A expressão de busca foi "aberrant behavior" e o período selecionado foi entre os anos de 2000 e 2011. Foram analisadas algumas características do artigo como: título, ano, autor, objetivo, procedimento, antecedentes e consequentes manipulados no procedimento, faixa etária do participante e resultados obtidos quanto a alteração na frequência do comportamento aberrante dos artigos que relatavam pesquisas empíricas. Foram encontrados 14 artigos que se tratavam de artigos empíricos . As categorias utilizadas para a categorização dos procedimentos foram as seguintes: a) treino a pais, b) treino de habilidades específicas à pessoa que apresenta comportamentos aberrantes, c) arranjo de contingências por meio de esquemas de reforçamento diversos e/ou estímulos diversificados. Foram identificados na condução das intervenções a presença de conceitos como: operação estabelecedora; esquemas de reforçamento em intervalo fixo, intervalo variável, reforçamento diferencial de outros comportamentos ou de comportamentos alternativos, entre outros. Os dados demonstraram a eficácia de procedimentos fundamentados na Análise do Comportamento para reduzir a frequência de comportamentos aberrantes.

Palavras-chave: educação especial, tecnologia educacional, intervenção, comportamento anormal.

Abstract

A population in need of professional assistance is one that shows aberrant behavior. These behaviors can harm the wellbeing of the individual as being unusual and difficult to be managed and cause pain and discomfort to the family company. Therefore, it is proposed to conduct a bibliographical survey about studies using intervention procedures for reducing the frequency of aberrant behavior. An electronic search was conducted on the following databases: Science Direct, Scopus (Elsevier) and Web of Science; and also in the Journal of Applied Behavior Analisys (JABA). The search term was "aberrant behavior" and the selected period was between 2000 and 2011. Some characteristics were analyzed article as: title, year, author, objective, procedure, antecedent and consequent manipulated in the procedure, age of participant and results attained as the change in the frequency of aberrant behavior of the articles that reported empirical research. 14 articles that dealt with empirical articles were found. The categories used for categorizing procedures were as follows: a) training the parents, b) specific training person presenting aberrant behavior, c) arrangement of contingencies by means of various reinforcement and / or diverse stimuli schemes skills. The presence of concepts were identified in the conduct of interventions such as: establishing operation; schedules of reinforcement at a fixed interval, a variable interval, differential reinforcement of other behaviors or alternative behaviors, among others. The data demonstrate the effectiveness of reasoned in Behavior Analysis to reduce the frequency of aberrant behavior procedures.

Keywords: special education, educational technology, behavioral intervention, abnormal behavior.

Procedimentos analíticos comportamentais para a redução de comportamentos aberrantes: uma revisão bibliográfica

Para o Analista do Comportamento, comportamentos são aprendidos e podem ser modificados. Alguns comportamentos precisam de atenção maior por apresentar grandes prejuízos à saúde do indivíduo, à família e à socidade. São os comportamentos chamados pela literatura como comportamentos aberrantes (Fornazari, 2005). Esses comportamentos fogem ao padrão de normalidade, sendo muitas vezes, prejudicial à saúde. Eles são persistentes, causam estranheza nas pessoas que observam e contribuem para a estigmatização da pessoa que os apresenta. Exemplos de comportamentos aberrantes podem ser: autolesão grave, estereotipia acentuada, masturbação em público, coprofagia, entre outros.

Diferentemente de outros comportamentos inadequados, esses comportamentos requerem procedimentos mais específicos por apresentarem características de difícil manejo e graves consequências, como lesões corporais importantes, traumatismos e sequelas.

Além disso, pessoas que apresentam comportamentos aberrantes normalmente sofrem discriminação pela sociedade, o que prejudica a saúde do indivíduo. O convívio social fica prejudicado, a família pode ter problemas de relacionamento com o indivíduo e muitas vezes ela pode também ter conflitos em relação a aceitação social, podendo em alguns casos, restringir o indivíduo de participar de atividades sociais (Mendes, 2001; Fornazari, 2005).

Diante deste problema, investigou-se a existência de estudos científicos na área da Análise do Comportamento em relação ao tratamento de pessoas que apresentam

comportamentos aberrantes. Isso contribuiria no movimento antigo que está se fortalecendo a cada década que é o de inclusão social, aumentando a probabilidade de inserção destas pessoas em ambientes cada vez mais amplas. O objetivo dessa pesquisa foi identificar os procedimentos de intervenção existentes em relação a comportamentos aberrantes por meio de revisão bibliográfica.

Objetivos

Para atingir o problema de pesquisa, foram traçados como objetivos específicos desta pesquisa: levantar artigos publicados acerca de intervenção em comportamentos aberrantes entre os anos de 2000 e 2011; identificar o período, as instituições e os periódicos nos quais essas publicações foram feitas; identificar os procedimentos de intervenção utilizados; categorizar os tipos de artigos em função da metodologia utilizada, e identificar os resultados obtidos a partir desses procedimentos.

Método

A busca pelos artigos foi feita pelo Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), fundação do Ministério da Educação (MEC) cuja biblioteca virtual reúne e disponibiliza produções científicas internacionais e de instituições de ensino e pesquisa no Brasil. O próprio portal indicou as bases Science Direct, Scopus (Elsevier) e Web of Science por contemplarem a área de ciências humanas e a psicologia, além de fornecerem periódicos com artigos de acesso livre e integral. Foi também selecionado o periódico Journal of Applied Behavior Analysis (JABA), por ser uma das revistas americanas mais conceituadas no Brasil e por trazer um grande número de artigos sobre o assunto pesquisado.

As palavras-chave de busca de artigo utilizadas foram “aberrant behavior”. Dentre os artigos resultantes, foram selecionadas apenas as pesquisas empíricas onde havia a manipulação de variáveis em seu procedimento. Consideraram-se apenas as pesquisas que se referiam a procedimentos de intervenção que visavam controle de comportamento aberrante mais especificadamente.

Após o levantamento desses artigos, cada um foi analisado considerando as seguintes características: título, ano, autor, objetivo, procedimento, variável independente, variável dependente, função do comportamento estudado, faixa etária do participante, resultados obtidos. Com relação ao título, ano e autor, as informações foram apenas copiadas dos artigos. Quanto às demais características, as informações foram retiradas ao longo do texto do artigo, incluindo-se o resumo. Quanto aos resultados, considerou-se resultado positivo quando havia redução de frequência da ocorrência do comportamento aberrante e negativo quando não havia a redução. Quando o artigo trazia outros resultados, o mesmo foi brevemente descrito, por exemplo, aprendizagem de comportamentos apropriados específicos como “mando” além da diminuição de comportamentos aberrantes.

A partir da análise dos procedimentos de intervenção adotados em cada artigo, foi elaborado uma categorização dos tipos de procedimentos.

Resultados da pesquisa

Foram encontrados 19 artigos com as palavras “aberrant behavior” nas bases e periódico selecionados no período estabelecido. Dentre eles, três se tratavam de revisão de literatura e 16 de pesquisas empíricas. Dentre os 16 artigos, dois não tinham como objetivo alterar a frequência ou intensidade do comportamento aberrante, portanto

foram desconsiderados. Assim, foi obtido o resultado de 14 artigos que se referiam a procedimentos de intervenção para o tratamento de pessoas que apresentavam comportamentos aberrantes.

Tabela 1

Resultados da pesquisa de artigos

Periódico	**Título**	**Ano**
Behavior Modification	Effects of increased response effort and reinforcer delay on choice and aberrant behavior	2005
Perceptual and Motor Skills	Assessing influence of stimulation on mood and aberrant behavior of persons with multiple disabilities during brief treadmill sessions	2004
Research in Developmental Disabilities	The effects of fixed-time and contingent schedules of negative reinforcement on compliance and aberrant behavior	2005
	Assessment of aberrant behavior maintained by wheelchair movement in a child with developmental disabilities	2003
	A variation of noncontingent reinforcement in the treatment of aberrant behavior	2000
	Functional analysis of aberrant behavior maintained by automatic reinforcement: assessment of specific sensory reinforces	2000

Periódico	Título	Ano
JABA	Interaction of reinforcement schedules, a behavioral prosthesis, and work-related behavior in adults with mental retardation	2005
	Use of a short-term inpatient model to evaluate aberrant behavior: outcome data summaries from 1996 to 2001	2004
	An evaluation of the effects of matched stimuli on behaviors maintained by automatic reinforcement	2000
	Effects of a fixed-time schedule on aberrant and adaptive behavior	2000
	Effects of escape to alone versus escape to enriched environments on adaptive and aberrant behavior	2000
	Evaluating the effects of functional communication training in the presence and absence of establishing operations	2000
	The effects of response cost in the treatment of aberrant behavior maintained by negative reinforcement	2000
	Using brief assessments to evaluate aberrant behavior maintained by attention	2000

Com base nos dados apresentados na Tabela 1, alguns artigos se repetiram em várias bases de dados. Oito artigos pertenciam ao periódico JABA; quatro artigos ao *Research in Developmental Disabilities*; um ao *Behavior Modification* e um ao *Perceptual and Motor Skills*. Ou seja, 57% pertenciam ao JABA, 29% ao *Reaserch in Developmental Disabilities* e 14% pertenciam aos outros periódicos restantes.

Com relação às datas de publicação, houve maior número de publicações no ano de 2000 com oito artigos, seguindo em 2003 com um artigo; em 2004 houve duas publicações; em 2005 houve três publicações; e não se identificam publicações até 2011.

Com relação às instituições vinculadas à pesquisa, houve publicações em conjunto e separadamente. A maioria dos autores é vinculada a universidades, mas houve também vínculos a outros tipos de instituições, como de atendimento à comunidade. A tabela a seguir demonstra esses resultados.

Tabela 2

Quantidade de publicações de artigos organizados por instituição.

Instituição	**Quantidade de publicações**	**Quantidade de publicações em conjunto**
Gonzaga University	1	1
Johns Hopkins University School of Medicine	5	5
Kennedy Krieger Institute	4	4
Lega F. D'Oro Research Center	1	1
National University of Ireland	1	1
ONE Research Institute	1	1
The University of Iowa	4	0
University of Bari	1	1
University of Kansas	1	0
University of Leiden	2	2
University of Nevada	2	0
University of Texas at Austin	1	1

Com base nos dados apresentados na Tabela 2, foi possível perceber que as instituições que mais publicaram foram Johns Hopkins University School of Medicine,

Kennedy Krieger Institute (na maioria das vezes, essas duas instituições publicaram em conjunto) e The University of Iowa.

Com relação aos procedimentos de intervenção, foram identificados três tipos: a) treino a pais, b) treino de habilidades específicas à pessoa que apresenta comportamentos aberrantes, c) arranjo de contingências por meio de esquemas de reforçamento diversos e/ou estímulos diversificados.

A categoria de Treino a pais se refere àqueles estudos que propõe intervenção aplicada aos pais, ou seja, são os familiares que recebem a intervenção e irão atuar com indivíduos que apresentam comportamento aberrante de forma a diminuir a frequência. Na categoria de Treino de habilidades específicas, consideraram-se as pesquisas em que era proposto o ensino de uma habilidade específica como um recurso para a redução de comportamentos aberrantes. O método de ensino adotava ou não esquemas de reforço específicos ou outras estratégias de ensino. A intervenção era direcionada a própria pessoa que apresentava comportamentos aberrantes.

A Tabela 3 apresenta o estudo e a intervenção proposta da categoria de treino a pais.

Tabela 3

Descrição dos estudos de Treino a pais

Treino a pais			
Autores (ano)	**Objetivo**	**Participante(s)**	**Intervenção**
O'Reilly, Lancioni, King, Lally e Dhomhnaill (2000)	Identificar variáveis relacionadas aos comportamentos aberrantes mantidos por reforçamento positivo	Duas famílias cujas pessoas que apresentavam os comportamentos aberrantes tinham 9 e 22 anos.	Sessões com quatro fases: condição de atenção; condição de tarefa; condição de reforçamento por atenção não contingente; e condição de atenção divergente.

A Tabela 4 apresenta a descrição dos procedimentos adotados pelos estudos que treinaram habilidades específicas dos sujeitos.

Tabela 4

Descrição dos estudos de Treino de habilidades específicas

Treino de habilidades específicas			
Autores (ano)	**Objetivo**	**Participante(s)**	**Intervenção**
DeLeon, Kahng, Rodriguez-Catter, Sveinsdóttir e Sadler (2003)	Avaliar a relação entre frequência de comportamento aberrante agressivo e a movimentação da cadeira de rodas em uma criança com problemas de desenvolvimento	Garoto, 14 anos de idade, com retardo mental profundo, paralisia cerebral e deficiência visual.	Ensino de solicitação (toque de botão) a outros que empurre a cadeira de rodas; Ensino por meio de instrução verbal, a fazer mesmo pedido através da fala. Em ambos, o reforço foi passear com a cadeira de rodas por um minuto.
Brown, Wacker, Derby, Peck, Richman, Sasso, Knutson e Harding (2000)	Avaliar os efeitos da operação estabelecedora no treino de comunicação funcional	Quatro crianças com problemas de desenvolvimento, com idades entre 5 e 13 anos.	Houve uma condição de presença da operação estabelecedora (diferente para cada criança, como atenção e fuga) e uma condição de ausência desta. Havia o treino de comunicação funcional que era feito por meio de reforçamento de vocalizações corretas, que eram dados como modelo pelo instrutor.

Apenas em um artigo houve a proposta de treino a pais como procedimento de intervenção para a redução de comportamentos aberrantes (Tabela 3). O resultado desse procedimento foi a diminuição da frequência de comportamentos aberrantes, e isso foi constatado em follow up de seis meses após a intervenção.

Na categoria de Treino de habilidades específicas ao indivíduo que apresenta comportamentos aberrantes, os resultados foram dois artigos (Tabela 4). Ambos os artigos apontaram como tipo de procedimento de intervenção o treino de comunicação funcional para a redução da frequência de comportamentos aberrantes e também para a aprendizagem de comportamentos adaptativos, que no caso foi a comunicação com outras pessoas.

Os resultados dos artigos apresentados na Tabela 4 foram os mesmos, houve a redução de frequência de comportamento aberrantes em ambos. Contudo, houve diferenças com relação aos procedimentos. No procedimento de pesquisa descrito no artigo de DeLeon et al (2003), primeiramente, os pesquisadores ensinaram seus participantes a solicitar que outros empurrassem a cadeira de rodas por meio de toque a um botão. Posteriormente, foi ensinado, por meio de instrução verbal, que fizesse o mesmo pedido através da fala. O reforçamento foi atender o solicitado (passear com a cadeira de rodas por um minuto). O procedimento do estudo de Brown et al (2000) adotou a operação estabelecedora, além de inserir o mando verbal como modelo como no estudo de DeLeon et al (2003). Para todos os participantes, houve uma condição de presença da operação estabelecedora (diferente para cada criança, como atenção e fuga) e uma condição de ausência desta. No início de cada sessão, o instrutor fornecia modelos do mando a ser aprendido uma vez por minuto e quando o participante emitia o mando correto era reforçado com uma das condições (a depender da fase da pesquisa) por 10 ou 60 segundos. Quando havia outras vocalizações que não correspondiam ao ensinado, o comportamento era ignorado. Os mandos ensinados foram aprendidos com e sem a operação estabelecedora adotada, mas os dados relacionados a essas variáveis ainda não foram conclusivos.

Onze artigos se corresponderam à terceira categoria, a de Arranjo de contingências por meio de esquemas de reforçamento diversos e/ou estímulos diversificados. Em todos eles foi relatado o uso de procedimentos diferentes entre si, com combinação de esquemas de reforço diferentes, arranjo de estímulos diversificados entre si ou apenas um estímulo. Os procedimentos estão descritos na Tabela 5.

Tabela 5

Artigos e suas propostas de intervenção

Arranjo de contingências por meio de esquemas de reforçamento diversos e/ou estímulos diversificados			
Autores (ano)	**Objetivo**	**Participante(s)**	**Intervenção**
Britton, Carr, Kellum, Dozier e Weil (2000)	Comparar o DRO e o esquema de reforçamento não contingente	Adulto de 23 anos, diagnosticado com deficiência intelectual, com comportamentos de birra. Menino de 7 anos, com diagnóstico de autismo. Apresentava comportamento aberrante de introduzir o dedo na cavidade nasal. Adulto de 41 anos, com diagnóstico de deficiência intelectual. Apresentava comportamentos aberrantes de agressão, morder,	Foram adotados procedimentos diferentes para cada participante. Em dois deles, utilizou-se o esquema de reforçamento não contingente em primeira fase e depois, inseriu-se neste mesmo esquema o atraso de reforço. Com o terceiro participante, a primeira fase foi idêntica aos participantes anteriores, mas na segunda fase, foi adicionado o esquema de DRO para comparar os resultados, que foi melhor para os dois primeiros participantes mencionados.

			puxar os cabelos e arranhar.

Autores (ano)	**Objetivo**	**Participante(s)**	**Intervenção**
Golonka, Wacker, Berg, Derby, Harding e Peck (2000)	Comparar os efeitos da fuga de tarefa sem contato social e fuga de tarefa com atividades sociais preferidas na intervenção em comportamento adaptativo e aberrante	Menina de 12 anos e adulta de 30 anos. Ambas apresentavam comportamentos aberrantes mantidos por reforçamento negativo.	Foi solicitada uma tarefa de passo a passo que era permitido um intervalo, sozinho ou em interação social com atividades de lazer por 24 segundos. Depois disso, perguntou-se à participante se queria voltar ao trabalho ou ficar só. Se ocorresse comportamento aberrante, o intervalo era interrompido e se voltava para o trabalho. Mas se ela exibisse o mando ensinado, era permitido ficar na sala com pessoas. Na fase seguinte, o mesmo procedimento era feito, mas havia três opções de escolha: tarefa, ficar só ou realizar atividades com outras pessoas por 24 segundos.
Keeney, Fisher, Adelinis e Wilder (2000)	Avaliar os efeitos do custo de resposta no tratamento de comportamento aberrante mantido por reforçamento negativo	Mulher de 33 anos, com deficiência intelectual e comportamentos aberrantes (autolesão, agressão e destruição)	Ensinou-se uma tarefa reforçando não contingentemente, em VI. Quando o comportamento aberrante ocorria, retiravam-se os estímulos preferidos e não havia liberação de reforço.
Patel, Carr, Kim, Robles e Eastridge (2000)	Avaliar os efeitos dos reforçadores sensoriais específicos do	Menino de 10 anos, com diagnóstico de autismo.	Após fases de análise funcional, era feito avaliação da natureza dos estímulos sensoriais e avaliação de estímulos preferidos. Depois disso, foi

	comportamento aberrante mantido por reforço automático	Adulto de 30 anos, com diagnóstico de deficiência intelectual.	feita a avaliação do tratamento, que continha fornecimento do estímulo preferido e menos preferido (que era sensorial, estimulação tátil) em DRO de tempo estipulado anteriormente.

Autores (ano)	**Objetivo**	**Participante(s)**	**Intervenção**
Piazza, Adelinis, Hanley, Goh e Delia (2000)	Avaliar os efeitos da correspondência de estímulos com comportamentos aberrantes reforçados automaticamente	Menina de 6 anos e menino de 8 anos. Ambos diagnosticados com TDAH e deficiência intelectual. Apresentam comportamentos aberrantes como: agressão, autolesão e destruição. Adolescente de 17 anos, com diagnóstico de deficiência intelectual, apresentando comportamentos aberrantes de autolesão.	Foi realizada orientação verbal, gestual e física para execução de tarefas, vocalizações reforçadoras em DRO por 30 segundos, com e sem estímulos preferidos, as quais eram escolhidas de acordo com as semelhanças das consequências que os comportamentos aberrantes forneciam.
Roane, Fisher e Sgro (2001).	Apresentar os efeitos de um caso em que foi usado esquema de intervalo fixo 20s para ensinar comportamentos adaptativos, além de diminuir os aberrantes	Menina de 12 anos, com diagnóstico de transtorno invasivo do desenvolvimento e sequelas de lesão cerebral. Apresentava comportamentos aberrantes de agressão e destruição.	Durante uma atividade corriqueira, eram colocados os estímulos preferidos na carteira sem nenhum comentário pelo condutor do procedimento em FI 20s (não contingente ao comportamento) e prosseguia-se com a tarefa.

Autores (ano)	Objetivo	Participante(s)	Intervenção
Asmus, Ringdhal, Sellers, Call, Andelman e Wacker (2004)	Reduzir a frequência de comportamentos aberrantes em pacientes de tratamento a curto prazo	138 pessoas, de 1 a 49 anos de idade. Todos apresentavam comportamentos aberrantes	A variável independente era diferente para cada um dos participantes e estava relacionada diretamente com a função do comportamento. Nessas situações, utilizou-se do DRA (ensinando-se comportamentos adequados para a mesma função) e do DRO, além da extinção de comportamentos aberrantes. Houve também reforçamento negativo no sentido em que estímulos aversivos eram retirados ou amenizados por meio de ajuda.
Lancioni, O'Reilly, Singh, Oliva, Piazzolla e Groeneweg (2004)	Avaliar a influência de estímulos no humor e em comportamentos aberrantes de pessoas com deficiência múltipla durante curtas sessões em esteira	Um adulto de 18 anos, sem visão, com deficiência intelectual. Um adulto com 22 anos, com perda de visão e audição significativa, com deficiência intelectual.	Foi feita uma seleção de quatro estímulos como: ruídos ou sons, vibração, encorajamentos, luzes, entre outros para cada participante. A tarefa era andar em esteira, e verificou-se se a presença desses estímulos durante a atividade era ou não influenciadora na frequência de comportamentos aberrantes ou comportamentos de expressões de felicidade.
Gwinn, Derby, Fisher, Kurtz, Fahs, Augustine e.	Investigar os efeitos da escolha forçada em diversos esquemas de	Menino de 7 anos de idade, com TDAH e comportamentos aberrantes	Procedimento de quatro fases. Fase 1) Avaliação de preferência com escolha forçada de estímulos. Fase 2) Os reforços eram liberados do mais preferido ao menos preferido.

McLaughlin (2005)	reforço e custo de resposta	mantidos por atenção e fuga	Fases 3 e 4) Acréscimo de atraso na liberação do estímulo reforçador. Em todas as fases, ignorava-se o comportamento aberrante e continuava-se a tarefa.

Autores (ano)	**Objetivo**	**Participante(s)**	**Intervenção**
Reed, Ringdahl, Wacker, Barretto e Andelman (2005).	Verificar os efeitos do intervalo fixo e esquemas contingentes de reforço negativo na obediência e comportamento aberrante	Menina com 8 anos, com diagnóstico de autismo, deficiência intelectual[4], deficiência de comunicação e comportamentos aberrantes de agressão e destruição. Menino, com 10 anos, com diagnóstico de Transtorno Opositor Desafiador, deficiência intelectual, déficit de atenção e hiperatividade e deficiência de comunicação.	Primeiramente, foi usado o reforçamento negativo diferencial de comportamentos alternativos (DNRA) para estabelecer controle do comportamento aberrante. Na segunda fase, foi adotado o DNRA mais o intervalo fixo para fuga, que era estabelecido de acordo com o desempenho do participante no esquema anterior; quanto mais rápido ele fazia a tarefa, menos precisaria esperar para ter o intervalo - fuga. Na Fase 3, o arranjo de esquema era o mesmo, mas o reforçamento em intervalo fixo de fuga era menor, ou seja, a fuga acontecia mais vezes.

[4] O termo utilizado nos textos originais é “mental retardation”, expressão não mais utilizada internacionalmente. Optou-se utilizar a nomenclatura brasileira atual, que é “deficiência intelectual”, em todas das vezes que a expressão aparecesse nesses artigos.

Autores (ano)	Objetivo	Participante(s)	Intervenção
Saunders, McEntee e Saunders (2005)	Avaliar os efeitos de esquemas de reforço como Intervalo variável e Razão fixa na emissão de comportamentos aberrantes e comportamentos de execução de tarefa.	Três participantes adultos, com diagnósticos de deficiência intelectual. Todos tinham problemas de comunicação e altas taxas de comportamentos aberrantes (estereotipa, agressão, autolesão).	Todos foram treinados a executar uma tarefa de colocar pedaços de papel em um triturador de papéis. Depois, foram utilizados esquemas de reforçamento com sucos ou alimentos, modificados ao longo do tempo. Utilizou-se o VI 60s, depois FR 1, FR 2 ou FR 1 mais a utilização de um organizador de papéis que remetia a quantidade de respostas necessárias para obtenção do reforço. O número da razão fixa dependia do desempenho de cada participante e seu valor era aumentado conforme o desempenho era melhorado.

Por meio da Tabela 5, constata-se que alguns recursos como utilização de operação estabelecedora, reforçamento diferencial, reforçamento não contingente, entre outros, se repetem. Mas, diferem entre si, no sentido de que os participantes de cada estudo apresentavam preferências de estímulos diferentes, comportamento aberrante específico, função do comportamento aberrante particular e valores de intervalo e razão

diferentes. Nesse contexto, os procedimentos apresentavam formas variadas de execução, mas todos obtiveram resultados positivos no sentido de diminuir a frequência de comportamentos aberrantes.

Os sete estudos (Gwinn *et al.* (2005); Lancioni *et al.* (2004); Keeney, Fisher, Adelinis e Wilder (2000); Piazza, Adelinis, Hanley, Goh e Delia (2000); Patel, Carr, Kim, Robles, Eastridge (2000); Roane, Fisher e Sgro (2001); Golonka *et al.* (2000)) que utilizaram em seu procedimento a operação estabelecedora (escolha de estímulos preferidos e a apresentação deste em algum momento da tarefa) combinados com outros esquemas de reforçamento tiveram como resultados a permanência por mais tempo na tarefa e menos frequência de comportamentos aberrantes.

Britton, Carr, Kellum, Dozier e Weil (2000) investigaram as vantagens do esquema de reforçamento não contingente em detrimento do Reforçamento Diferencial de Outros Comportamentos. Concluíram que adicionar o atraso de reforço no primeiro esquema supracitado é melhor do que o DRO.

Outro resultado que sobressai dentre os outros é o do estudo de Reed, Ringdahl, Wacker, Barretto e Andelman (2005), que verificou que comparando o processo de Reforçamento Negativo Diferencial de Comportamentos Alternativos (DNRA) combinado com esquema de Intervalo Fixo (FI) para o reforçamento, aquele que possui FI menor gera melhores resultados no ensino de comportamentos adequados, pois quanto mais rápido o participante terminava a tarefa, menos precisava esperar para ter intervalo de fuga.

O estudo de Saunders, McEntee e Saunders (2005) verificou que esquemas de reforço de razão combinados com de intervalo também eram eficazes quando os participantes foram previamente treinados a fazer uma tarefa. Quando foi sinalizado o

esquema em que serão reforçados, por exemplo, Razão Fixa 2, o tempo de pausa pós-reforço decai.

Asmus, Ringdhal, Sellers, Call, Andelman e Wacker (2004) utilizaram esquemas como DRA e DRO, além do reforçamento negativo e extinção de comportamentos aberrantes, obtendo resultados positivos.

Discussão e conclusão

Dentre os artigos encontrados, percebeu-se que o periódico em que foi possível encontrar mais estudos foi o Journal Applied Behavior Analysis (JABA). Isso foi coerente com o que se esperava quanto à característica do periódico ter enfoque na área aplicada, direcionada a questões sociais, publicando pesquisas em relação a procedimentos de intervenção.

Curiosamente, esse tema está sendo pouco estudado atualmente, sendo que a maioria das publicações foi do ano de 2000, ano selecionado como data inicial para o presente estudo. Os artigos mais recentes foram datados de 2005. O critério de inclusão da presente pesquisa delimitou como data de publicação os anos de 2000 a 2011.

As instituições que mais publicaram foram Johns Hopkins University School of Medicine, Kennedy Krieger Institute e The University of Iowa, sendo que as duas primeiras apareciam quase sempre conjuntamente e a terceira instituição aparecia em publicações sem a junção com outras.

Discute-se o impacto que pode haver, não só no âmbito acadêmico e científico, mas também no âmbito social, a queda de produção na área de pesquisas que beneficiariam famílias e pessoas com comportamentos aberrantes. Por se tratar de um

problema que acarreta riscos à saúde e qualidade de vida, essas pessoas precisam de tratamento imediato e por longo período de tempo.

Com relação aos estudos examinados, pode-se notar que há diferentes procedimentos de intervenção que apresentaram resultados promissores quanto a redução de comportamentos aberrantes. Cada um dos quatorze artigos apontou um procedimento diferente, todos com resultados positivos, o que demonstra a preocupação com o desenvolvimento de procedimentos alternativos de intervenção especificos para a população que apresenta comportamentos aberrantes.

Dentre estes procedimentos, os conceitos mais abordados foram: esquemas de reforçamento: contingente e não contingente, positivo ou negativo, com atraso ou imediato, de intervalo fixo ou variável, de razão fixa, reforçamento diferencial (de outros comportamentos, de comportamentos alternativos); e operação estabelecedora, com avaliação de estímulos preferidos, e escolha forçada entre os estímulos.

Todos esses procedimentos são muito utilizados na Análise do Comportamento em outras áreas de aplicação, mas com o mesmo objetivo de alterar repertórios comportamentais diferentes daquelas que trabalham com comportamentos aberrantes. Os tipos de esquemas de reforçamento mais básicos são aqueles que levam em consideração o número de respostas (esquemas de razão), o intervalo de tempo (esquemas de intervalo) e aqueles que dependem da taxa ou do espaçamento temporal de respostas determinadas previamente (reforçamento diferencial) (Catania, 1999). Quanto ao tipo desse reforço, há o positivo ou o negativo. Ambos aumentam a probabilidade de a frequência do comportamento ocorrer novamente, mas o positivo é a inserção de uma consequência e o negativo é sua retirada (retirada de um evento aversivo, por exemplo) (Catania, 1999).

Quanto às operações estabelecedoras, segundo Miguel (2000), elas podem ser definidas como eventos ambientais que modificam a efetividade reforçadora de um estímulo, tem a propriedade de evocar comportamentos que, no passado, foram seguidos por tal estímulo. São consideradas operações motivacionais. Um exemplo de uso de operação estabelecedora pode ser identificado no estudo conduzido por Cameron, Ainsleigh e Bird (1992) apud Miguel (2000). Neste estudo, os comportamentos agressivos mantidos por reforçamento negativo foram reduzidos por meio da manipulação da tarefa que evocava tais comportamentos inadequados. A agressão ocorria quando o sujeito recebia um sabonete em barra e era solicitado a se lavar. Quando o experimentador passou a prover sabonete líquido, os comportamentos agressivos diminuíram. De acordo com os autores, segurar o sabonete aumentava o grau de dificuldade da tarefa. A operação estabelecedora tomada neste estudo foi a troca do sabonete em barra pelo líquido.

Um ponto interessante é que em todos os artigos, os participantes exerciam alguma tarefa que era ensinada pelo pesquisador ou por outra pessoa da instituição vinculada. No entanto, o ensino da tarefa não foi apontado como um procedimento de pesquisa, foi apenas descrito ou usado como uma atividade para ser exercida para executar os procedimentos do estudo. Essas atividades, muito provavelmente foram ensinadas e aprendidas por meio de reforçamento diferencial. Isso pode indicar que o primeiro passo para que qualquer outro procedimento seja aplicado é o de se ensinar a execução de alguma tarefa específica. O procedimento mais adequado neste caso, seria o DRA, como Asmus, Ringdhal, Sellers, Call, Andelman e Wacker (2004) fizeram em seu estudo.

Todos os estudos consideraram a individualidade de seus participantes, adotando o delineamento de pesquisa chamado de sujeito único (Sidman, 1976). Portanto, características como: repertório comportamental inicial, déficit comportamental em relação a uma habilidade importante, condição biofisiológica, envolvimento dos pais ou de profissionais para aplicar o procedimento de intervenção, preferência de estímulos, entre outras, são características que devem ser levadas em consideração ao se escolher ou combinar mais de um procedimento, o que pode contribuir para o sucesso do tratamento.

No delineamento de pesquisa de sujeito único a comparação é feita com o mesmo sujeito em momentos diferentes, antes e após o procedimento. A pesquisa pode ter vários participantes, mas sua análise considera principalmente a evolução individual dos participantes. Isso está de acordo com a metodologia empregada para a pesquisa na Análise Comportamental (Andery, 2010). Essa situação foi a encontrada nos artigos resultantes da busca, onde todos utilizaram este tipo de delineamento.

O que aparece como semelhante em todos os artigos é que todos adotam conceitos e procedimentos básicos da Análise do Comportamento e geram resultados positivos, ou seja, conseguem reduzir a frequência de comportamentos aberrantes. Diversos esquemas de reforçamento foram replicados e combinados para se observar e testar variáveis, das quais suas conclusões concordam com os fundamentos e os conceitos básicos da Análise do Comportamento. Por isso, esses procedimentos existentes são explorados e apontam resultados comprovados de que são efetivos na redução de frequência de comportamentos aberrantes.

Isso mostra que, conhecendo-se os princípios da Análise do Comportamento é possível elaborar procedimentos de intervenção para qualquer tipo de comportamento aberrante, adotando-se esquemas de reforçamento e treinando habilidades por exemplo.

Mostra ainda que a Análise do Comportamento tem diversos recursos que podem ser usados para intervenção (como conhecimento de procedimentos diversos, entre eles os esquemas de reforçamento, a operação estabelecedora etc...). Além disso, estudos demonstraram que tais procedimentos são efetivos em relação a diminuição de comportamentos aberrantes.

Considerações finais

Conclui-se que é possível replicar tais procedimentos, além de criar outros procedimentos semelhantes com os apresentados neste estudo, a fim de adequá-los às características da população de estudo, desde que atenda aos princípios da Análise do Comportamento. Além disso, deve-se avaliar tais procedimentos em pesquisas para que a comunidade possa se beneficiar desses conhecimentos.

Percebe-se pela quantidade de artigos publicados ao longo dos anos selecionados que essa área de pesquisa está decaindo. Isso impacta na possibilidade de não haver divulgação desses conhecimentos para os profissionais que atuam diretamente com essa população que apresenta comportamentos aberrantes. Assim, essa comunidade que iria receber esse atendimento profissional pode não ser beneficiada, o que contribui para o agravamento dos problemas. Em grande escala, colabora negativamente para a inclusão social, já que pessoa não apresenta condições para conviver em sociedade e a sociedade não está preparada para recebê-la ou conviver com ela.

Diante disso, percebe-se que há necessidade de se investir em pesquisas para o avanço científico acerca desses procedimentos que visam reduzir a frequência de comportamentos aberrantes. Pesquisas devem continuar a testar e elaborar mais alternativas de se obter resultados positivos.

Outro aspecto a se considerar aqui, é fazer com que esse conhecimento chegue a quem de fato possa se beneficiar dele, como profissionais que trabalham com pessoas que apresentam comportamentos aberrantes e seus familiares. Considerando os familiares dessa população, além de que carecem de informações e materiais que informem sobre esses procedimentos, vale ainda considerar a necessidade de que esses materiais sejam de fácil acesso e com informações que possam ser assimiladas por eles. Então, nessa área, compete às pesquisas aplicadas que favoreçam essa população.

Referências

Andery, M. A. P. A. (2010). Métodos de pesquisa em Análise do Comportamento. *Psicologia*, 21(2), 313-342.

Asmus, J. M., Ringdahl, J. E., Sellers, J. A., Call, N. A., Andelman, M. S. & Wacker, D. P. (2004). Use of a short-term inpatient model to evaluate aberrant behavior: outcome data summaries from 1996 to 2001. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 37(3), 283-304.

Britton, L. N., Carr, J.E., Kellum, K. K., Dozier, C. L. & Weil, T. M. (2000). A variation of noncontingent reinforcement in the treatment of aberrant behavior. *Research in Developmental Disabilities*, 21, 425-435

Brown, K. A., Wacker, D. P., Derby, K. M., Peck, S. M., Richman, D. M., Sasso, G. M. ... Harding, J. W. (2000). Evaluating the effects of functional communication training in the presence and absence of establishing operations. *Journal of Applied Behavior Analysis,* 33(1), 53-71

Catania, A. C. (1999). *Aprendizagem:* comportamento, linguagem e cognição. 4. Ed. Porto Alegre: ArtMed.

Deleon, I. G., Kahng, S. W., Rodriguez-Catter, V., Sveinsdóttir, I., Sadler, C. (2003). Assessment of aberrant behavior maintained by wheelchair movement in a child with developmental disabilities. *Research in Developmental Disabilities*, 24, 381-390

Fornazari, S. A. (2005). *Comportamentos inadequados e produtividade em pessoas com deficiência mental ou múltipla em ambiente educacional*. (Tese de doutorado não publicada).

Golonka, Z., Wacker, D., Berg, W., Derby, K. M., Harding, J. & Peck, S. (2000). Effects of escape to alone versus escape to enriched environments on adaptive and aberrant behavior. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 33(2), 243-246

Gwinn, M. M., Derby, K. M., Fisher, W., Kurtz, P., Fahs, A., Augustine, M. & McLaughlin, T. F. (2005) Effects of Increased Response Effort and Reinforcer Delay on Choice and Aberrant Behavior. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 29(4), 642-652

Keeney, K. M., Fisher, W. W., Adelinis, J. D. & Wilder, D. A. (2000). The effects of response cost in the treatment of aberrant behavior maintained by negative reinforcement. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 33(2), 255-258

Lancioni, G. E., O'Reilly, M. F., Singh, N. N., Piazzolla, D. O. G., Groeneweg, J. (2004). Assessing influence of stimulation on mood and aberrant behavior of persons with multiple disabilities during brief treadmill sessions. *Perceptual and Motor Skills*, 99, 931-936

Mendes, E. G. (2001). Comportamentos aberrantes ou desafiadores? *Perspectivas multidisciplinares em educação especial II*. 2, 321-332

Miguel, C. O. (2000). Conceito de Operação Estabelecedora na Análise do Comportamento. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16(3), 259-267

O'Reilly, M. F., Lancioni, G. E., King, L., Lally, G. & Dhomhnaill, O. N. (2000). Using brief assessments to evaluate aberrant behavior maintained by attention. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 33(1), 109-112

Patel, M. R., Carr, J. E., Kim, C., Robles, A. & Eastridge, D. (2000). Functional analysis of aberrant behavior maintained by automatic reinforcement:

assessments of specific sensory reinforcers. *Research in Developmental Disabilities*, 21, 393-407

Piazza, C. C., Adelinis, J. D., Hanley, G. P., Goh, H-L. & Delia, M. D. (2000). An evaluation of the effects of matched stimuli on behaviors maintained by automatic reinforcement. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 33(1), 13-27

Reed, G. K., Ringdhal, J. E., Wacker, D. P., Barretto, A. & Andelman, M. S. (2005). The effects of fixed-time and contingent schedules of negative reinforcement on compliance and aberrant behavior. *Research in Developmental Disabilities*, 26, 281-295

Roane, H. S., Fisher, W. W. & Sgro, G. M. (2001). Effects of a fixed-time schedule on aberrant and adaptive behavior. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 34(3), 333-336

Saunders, R. R., McEntee, J. E. & Saunders, M. D. (2005). Interaction of reinforcement schedules, a behavioral prosthesis, and work-related behavior in adults with mental retardation. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 38(2), 163-176

Sidman, M. (1976). *Táticas da pesquisa científica: avaliação dos dados experimentais na psicologia*. São Paulo: Brasiliense.

Estudo 3.

A partir dos dados obtidos no Estudo 2, foi elaborado um material didático impresso, autoinstrucional, destinado a familiares que lidam com pessoas que apresentam comportamento aberrante. Depois de elaborado o material, foi realizado aplicação a sete familiares e posterior avaliação.

Ensinando pais a lidar com os comportamentos aberrantes de seus filhos: elaboração e avaliação de um material didático impresso e autoinstrucional

Ensinando pais a lidar com os comportamentos aberrantes de seus filhos: elaboração e avaliação de um material didático impresso e autoinstrucional

Raquel Akemi Hamada

(Graduada em Psicologia na Universidade Estadual de Londrina – PR e Mestranda em Análise do Comportamento pela Universidade Estadual de Londrina – PR. Bolsista da CAPES. E-mail: psicorah@gmail.com)

Nádia Kienen

(Doutora em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina e Docente do Programa de Mestrado em Análise do Comportamento na Universidade Estadual de Londrina – PR. E-mail: nadiakienen@gmail.com)

Silvia Aparecida Fornazari

(Doutora em Educação Escolar pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – SP e Docente do Programa de Mestrado em Análise do Comportamento na Universidade Estadual de Londrina- PR. E-mail: silfornazari@gmail.com.br)

Resumo

Comportamentos aberrantes são persistentes, causam estranheza a quem observa, prejudiciais à saúde e estigmatizantes a quem apresenta. Indivíduos que apresentam tal condição podem ficar em desvantagem em relação a materiais educacionais que orientam a como lidar com problemas de comportamento. A Análise do Comportamento dispõe de diversas pesquisas que demonstram procedimentos eficazes para a redução desses comportamentos. A proposta deste estudo foi elaborar um material didático que vise a redução da frequência de comportamentos aberrantes, destinado a familiares de pessoas que apresentam esses comportamentos. O material pretendeu ensinar: conceitos básicos da Análise do Comportamento, Análise Funcional e intervenções como o Reforçamento Diferencial de Comportamentos Incompatíveis e o Reforçamento Diferencial de Comportamentos Alternativos. Os tópicos foram apresentados de forma didática, com linguagem acessível e que permite o avanço em pequenos passos, participação ativa com relação à prática dos conceitos aprendidos, respeito ao ritmo individual e verificação imediata dos acertos e erros. Mesmo com os cuidados tomados, houve quantidade de erros consideravelmente alto na Terceira Unidade, com relação aos procedimentos de intervenção. Os resultados com a entrevista apontaram que o material exigia habilidades acadêmicas como a leitura e escrita, além de processamento de informações técnicas que dificultaram a compreensão e certeza de que estava sendo feito certo. Foi realizada avaliação da validação social do material didático e os resultados apontaram que o mesmo foi um meio satisfatório de se disseminar conhecimentos da Análise do Comportamento.

Palavras-chave: Comportamento aberrante. Intervenção. Material didático.

Abstract

Aberrant behaviors are persistent, cause weirdness who observes, detrimental to health and stigmatizing those presents. People who have this condition may be at a disadvantage in relation to educational materials that guide how to deal with behavior problems. The Behavior Analysis offers several researches that demonstrate effective procedures for reducing these behaviors. The purpose of this study was to develop a didactic material aimed at reducing the frequency of aberrant behaviors designed to relatives of people who exhibit these behaviors. The material intended to teach: basic concepts of Behavior Analysis, Functional Analysis and Differential Reinforcement Interventions as of Incompatible Behaviors Differential Reinforcement and Alternative Behaviors. The topics were presented in a didactic way, with accessible language and allowing the advance in small steps, active participation with respect to the practice of learned concepts, respect for individual rhythm and immediately check the rights and wrongs. Even with the precautions taken, there was considerably high amount of errors in the Third Unit with relation to interventional procedures. The results of the interview showed that the material required academic skills such as reading and writing, and information processing techniques that have hindered the understanding and certainty that was being done right. Social validation assessment of the teaching material was performed and the results indicated that it was a satisfactory way of spreading knowledge of Behavior Analysis.

Keywords: Aberrant behavior. Intervention. Didactic material.

Ensinando pais a lidar com os comportamentos aberrantes de seus filhos: elaboração de um material didático impresso e autoinstrucional.

Na sociedade existe uma gama de necessidades especiais muito grande, uma vez que a diversidade está presente em toda ela. Uma parte dessa população se trata de pessoas que apresentam comportamentos aberrantes. Essa população, principalmente no Brasil, é carente de materiais que ensinem formas eficazes de como lidar e intervir com este tipo de comportamento.

Além da justificativa de ter a condição de saúde e bem estar prejudicadas devido a essa desinformação, essas pessoas tem o direito de conviver e desfrutar dos benefícios que a sociedade oferece, é descrito pela Declaração Universal dos Direitos Humanos, adotada e proclamada pela resolução 217 A (III) da Assembleia Geral das Nações Unidas em 10 de dezembro de 1948. Devido a essa necessidade, foi proposto o presente estudo cujo objetivo foi a elaboração de um material didático que ensine pais ou familiares a lidar com comportamentos aberrantes.

A Análise do Comportamento é uma ciência que dentro de seus procedimentos de intervenção apresenta estratégias úteis para a redução de frequência de comportamentos aberrantes. Um desses procedimentos é a Análise Funcional, que se destaca por ser uma ferramenta de análise que deve ser realizada antes de qualquer intervenção. O trecho a seguir descreve o que seria a Análise Funcional para Skinner:

> As variáveis extermas, das quais o comportamento é função, dão margem ao que pode ser chamado de análise causal ou funcional. Tentamos prever e controlar o comportamento de um organismo individual. Esta é a nossa "variável dependente" – o efeito para o qual procuramos a causa. Nossas "variáveis independentes" – as causas do comportamento – são as condições externas das quais o comportamento é função. Relações entre as duas – as "relações de causa e efeito" no comportamento – são as leis de uma ciência. Uma síntese destas leis expressa em termos quantitativos desenha um esboço inteligente do organismo como um sistema que se comporta (Skinner, 1953/1981, p. 45).

A Análise Funcional pode ser definida como a identificação das variáveis das quais o comportamento é função (Skinner, 1953/1981). A partir dessa análise, podem-se aplicar procedimentos de intervenção que tem como objetivos a redução de frequência de comportamentos aberrantes. Muitas pesquisas utilizam em seus procedimentos de pesquisa tarefas e atividades que já são ensinadas aos participantes/pacientes pelos pesquisadores ou pelos profissionais da instituição vinculada, como atividades pretexto para a execução da pesquisa, mas não descrevem como foi esse ensino na pesquisa (DeLeon, Kahng, Rodriguez-Catter, Sveinsdóttir e Sadler (2003); Brown *et al*. (2000); Britton, Carr, Kellum, Dozier e Weil (2000); Golonka *et al.* (2000); Keeney, Fisher, Adelinis e Wilder (2000); Patel, Carr, Kim, Robles e Eastridge (2000); Piazza, Adelinis, Hanley, Goh e Delia (2000); Roane, Fisher e Sgro (2001); Asmus *et al*. (2004); Lancioni *et al.* (2004); Gwinn *et al*. (2005); Reed, Ringdahl, Wacker, Barretto e Andelman (2005); Saunders, McEntee e Saunders (2005)).

Um desses procedimentos de ensino pode ser o Reforçamento Diferencial de Comportamentos Alternativos (DRA), é o ensino de um comportamento alternativo ao aberrante que é reforçado, extinguindo o aberrante. Pode ser executado pelo pesquisador ou pelo profissional da instituição vinculada à pesquisa. Portanto, esse procedimento seria básico para qualquer intervenção, uma vez que pode ser utilizado como estratégia de ensino e aumenta o repertório comportamental da pessoa, permitindo que outros procedimentos sejam aplicados.

Outro procedimento que se faz importante para essa população é o Reforçamento Diferencial de Comportamentos Incompatíveis (DRI) (Frieman, Barnard, Altman & Wolf, 1986). Segundo os autores, esse procedimento é bastante utilizado por ser fácil de aplicar e tem como efeito colateral a redução de comportamentos aberrantes,

ou seja, extingue os comportamentos aberrantes e aumenta a frequência dos comportamentos incompatíveis mais adequados.

Sendo assim, o conteúdo ensinado no material didático proposto incluiu: conceitos básicos da Análise do Comportamento, Análise Funcional, DRI e DRA, pois são procedimentos que parecem ser os mais indicados para a população que apresenta comportamento aberrante.

Objetivo

Elaborar um material didático de acordo com a literatura analítico comportamental que reduza a frequência de comportamentos aberrantes e validar socialmente o material elaborado por meio de correção das respostas do material elaborado, aplicação do Inventário de Satisfação (adaptado) e entrevista com roteiro semiestruturado com os familiares que receberam o material.

Participantes

Sete familiares que convivem com pessoas com déficit intelectual e apresentam comportamentos aberrantes foram convidados (Apêndice A) a participar da pesquisa. Os critérios para o recrutamento dessas pessoas foram: conviver com a pessoa que apresenta comportamentos aberrantes e déficit intelectual, ser minimamente alfabetizada, e concordar e assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice B). Os participantes foram contatados por intermédio de instituições de atendimento especializado mediante autorização das mesmas (Co-participação, Apêndice C).

Instrumentos

Para este Estudo foram utilizados dois instrumentos, o Therapy Attitude Inventory (TAI) de Eyberg (1993), adaptado para essa pesquisa (Apêndice D) e um roteiro de entrevista semiestruturado (Apêndice E). O TAI de Eyberg (1993) é um inventário de satisfação que foi desenvolvido para medir a satisfação dos pais em relação à intervenção que foi feita com os filhos dos participantes da pesquisa da autora. Contém 10 perguntas com respostas de múltipla escolha, escalonadas de 1 a 5, sendo o 1 o que demonstra menos satisfação, e 5 o de maior satisfação em relação a um quesito de sua intervenção. A adaptação deste inventário para a presente pesquisa foi feita readequando-se as perguntas para a intervenção com o material didático. Permaneceram nove perguntas objetivas, também com escala de 1 a 5, e foi acrescentada uma pergunta aberta, no qual o participante poderia deixar críticas, sugestões e observações. Este questionário adaptado possibilitou realizar a validação social quanto a satisfação social dos procedimentos propostos no material.

O roteiro de entrevista semiestruturado contém 16 perguntas, que contemplam os assuntos: dados de identificação, satisfação com o material, opinião sobre o termo "comportamento aberrante", o que achou mais difícil e mais interessante no material e opinião sobre os procedimentos ensinados.

Procedimento

O procedimento dessa pesquisa foi dividido em três momentos: elaboração de material, disponibilização do material didático aos familiares de pessoas que apresentam comportamentos aberrantes, entrevista de devolução e análise dos dados. O

procedimento de análise de dados foi dividido em três etapas: análise do material, validação social e análise da entrevista. Todas essas etapas serão apresentadas a seguir.

Elaboração do material.

O livro foi dividido em três unidades: a Primeira Unidade se refere aos conceitos básicos da Análise do Comportamento. Esta unidade foi apresentada para que as pessoas consigam, minimamente, compreender a função do comportamento e realizar análise funcional, além de aplicar os procedimentos de intervenção. Os conceitos ensinados foram baseados no estudo de Mello (2012) e Martins (2013) que utilizaram o software Ensino (Fornazari, 2011), desenvolvido para o ensino de princípios de análise do comportamento: resposta, consequência, antecedente, comportamento, contingência, reforço, punição, extinção, discriminação, generalização e reforço.

Na Segunda Unidade do livro, foi ensinada a análise funcional, recurso da Análise do Comportamento para se investigar a função, ou o porquê de um comportamento ocorrer. Essa unidade foi apresentada de forma explicativa, ilustrada e com exemplos que permitissem a aprendizagem por modelação. Especificamente nesta etapa sobre análise funcional, o leitor pôde, por meio de atividades sugeridas no próprio material, observar comportamentos do próprio familiar e executar as atividades, possibilitando assim maior correspondência à realidade do participante e possível aprendizagem.

Após o ensino de análise funcional, já na Terceira Unidade do material, houve a apresentação dos dois procedimentos, o Reforçamento Diferencial de Comportamentos Alternativos (DRA) e o Reforçamento Diferencial de Comportamentos Incompatíveis (DRI). Esses dois procedimentos foram escolhidos porque parecem ser os mais

indicados em função do repertório comportamental reduzido desta população e o prejuízo à saúde.

Para a elaboração do material foram considerados os cinco princípios básicos da aprendizagem apresentados por Botomé (1970): O primeiro princípio (Princípio dos pequenos passos) se refere a necessidade de se adotar, primeiramente, unidades de aprendizagem fáceis para depois aumentar aos poucos a dificuldade, visando que o aluno consiga progredir gradualmente sem muitos erros. Por isso, o material foi construído apresentando poucos conceitos de cada vez, em ordem de complexidade.

O segundo princípio (da resposta ativa), se refere a necessidade de que o aprendiz participe fazendo coisas para aprender, ou melhor, é necessário que ele se comporte para desenvolver habilidades e aprenda. No material buscou-se atender esse princípio por meio do fornecimento de atividades e exercícios para execução pelos leitores.

O Princípio da verificação imediata, o terceiro princípio, prediz que quando o aluno pode verificar a adequação de sua aprendizagem imediatamente após tê-la apresentado, ele aprende melhor. Portanto, esse princípio aponta a necessidade de que o programa de ensino tenha contingências para que o aluno consiga verificar seu desempenho o mais rápido possível. No material, cada exercício e atividade tinham, na sequência, gabaritos comentados ou exemplos de como deveriam ser realizadas, dando oportunidade ao leitor de realizar a sua verificação.

O quarto princípio, o Princípio do ritmo individual, preconiza que o programa de ensino deve permitir que o aluno progrida em seu próprio ritmo, avançando seu desempenho quando conseguir o objetivo e interrompendo ou repetindo quando necessário. Esse princípio foi respeitado à medida que o leitor tinha a permissão para

voltar e reler as páginas que já havia lido, levando a leitura adiante o quanto quisesse, à medida do possível.

O último princípio se trata do Teste de avaliação. Este princípio tem relação com o exame cuidadoso do que os leitores fazem em cada unidade do material. Isso implica em avaliação, revisão e aperfeiçoamento do material, uma vez que este sofre alterações para que os outros princípios sejam atendidos.

Ao longo do material utilizou-se: linguagem clara, objetiva e acessível para níveis de instrução heterogêneos; ilustrações para aumentar a probabilidade de o leitor se dedicar à leitura do material, conseguir entendê-lo e não desistir da leitura e, exemplos práticos foram fornecidos para favorecer a compreensão correta dos conceitos e também favorecer a generalização dos mesmos nas atividades cotidianas. Esses quesitos foram adotados devido a pesquisa de Moreira, Nóbrega e Silva (2003), que reuniram características importantes para a elaboração de material escrito. A pesquisadora teve contribuição de dez estagiários para a elaboração de exemplos e histórias em quadrinhos. Contou também com o apoio do LABTED para a criação e ilustração. O resultado desta elaboração, ou seja, o material didático encontra-se no Apêndice F.

Disponibilização do material didático aos familiares de pessoas que apresentam comportamentos aberrantes.

O contato com os participantes para a avaliação do material teve colaboração de três instituições de atendimento especializado localizados no Norte do Paraná. Essas instituições foram contatadas e mediante o conhecimento e aceitação do estudo, um representante assinou a declaração de autorização da realização da pesquisa na

instituição (Apêndice C). A própria instituição indicou pacientes ou alunos cujos pais ou familiares poderiam ser participantes, atendendo aos critérios apontados pela pesquisa que foram: ser alfabetizado, ter contato direto com familiar que apresenta comportamento aberrante.

Para a contabilização dos dados, os critérios de inclusão foram: ter lido e respondido o material até o fim, ter sido a mesma pessoa que leu e respondeu o material (sem repassar a outra pessoa para fazer parte do livro), poder realizar a entrevista com a pesquisadora ao final da leitura.

Após a indicação dos possíveis participantes, nas instituições em que houve grande número de pessoas, foi marcada uma reunião coletiva para apresentar a pesquisa. Em outros casos, a pesquisadora realizou uma reunião em grupos de até três pessoas ou individual. Uma carta convite (Apêndice A) foi dada a cada um dos familiares e, após a apresentação do projeto, foi feita uma entrevista individual para sanar dúvidas. Os que continuaram interessados em participar da pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice B) e nesse mesmo dia, receberam o material didático com prazo de um mês para lê-lo antes de agendar uma devolutiva com a pesquisadora.

Entrevista de devolução.

Após cada um dos familiares terem lido o material didático, a pesquisadora agendou uma reunião individual. Nesta oportunidade recebeu o material didático de volta e aplicou a adaptação do Inventário de Satisfação (Eyberg, 1993), no qual a própria participante lia e respondia as questões. Depois disso, foi feita uma entrevista com roteiro semiestruturado, gravada em áudio com o consentimento da participante.

Análise dos dados.

Houve três tipos de dados coletados. O material didático em si, no qual mostra as atividades feitas pelo leitor, o questionário adaptado TAI de Eyberg (1993) respondido, e a entrevista feita com a pesquisadora. A análise de dados ocorreu da seguinte forma:

a) Material didático.

Foram observadas todas as páginas do manual dos participantes que terminaram a leitura. Foram tabulados os dados dos exercícios respondidos corretamente, deixados em branco, os parcialmente corretos e os incorretos. Foi considerado apenas a resposta final da pessoa, ou seja, quando houve rasura ou anotação, foi considerado o que estava escrito com mais intensidade e/ou a anotação ao lado. Essas informações foram tabuladas e organizadas em tabelas.

b) Inventário de satisfação (adaptado).

A avaliação social foi feita por meio do um questionário de satisfação adaptado de Eyberg (1993), o qual foi respondido pelos participantes. A análise foi feita analisando as frequências de cada resposta.

c) Entrevista.

Logo após a aplicação do questionário, foi feita uma pequena entrevista com roteiro semiestruturado, na qual foram feitas algumas perguntas que evidenciam as

opiniões sobre o material didático. Esses resultados foram analisados e comparados com os resultados obtidos pelo TAI adaptado para se ter dados mais qualitativos.

Resultados e discussão

Ao todo, participaram até o final da pesquisa sete pessoas. A Instituição A indicou nove familiares, dos quais três completaram os critérios de inclusão para a contabilização, a Instituição B indicou duas pessoas, apenas uma atendeu aos critérios de inclusão, e a Instituição C indicou cinco pessoas, três atenderam aos critérios.

Avaliação do material didático.

Com relação à correção do material didático, os resultados quanto às respostas dos exercícios feitos pelos participantes foram demonstradas na Tabela 1:

Tabela 1

Quantidade de pessoas em cada categoria de resposta dos exercícios da Unidade 1 do material didático

Unidade 1: Conceitos básicos da Análise do Comportamento				
Identificação do exercício	Correto	Em branco	Parcialmente correto	Incorreto
Cap. 1, ex. 1	7	0	0	0
Cap. 2, ex. 1	6	0	1	0
Cap. 3, ex. 1	7	0	0	0
Cap. 4, ex. 1	6	0	0	1
Cap. 5, ex. 1	4	0	3	0
Cap. 6, ex. 1	7	0	0	0
Cap. 7, ex. 1	6	0	1	0

Cap. 7, ex. 2 Situação 1	1	0	4	2
Cap. 7, ex. 2 Situação 2	3	0	1	3
Total	**47**	**0**	**10**	**6**

A Tabela 1 mostra que, com relação a Unidade 1, referente aos conceitos básicos da Análise do Comportamento, os leitores acertaram 74,6% dos exercícios e erraram 9,5%. Apenas 15,9% acertaram parcialmente os exercícios. Os dados indicam que 90,5% das pessoas acertaram pelo menos parte dos exercícios, que é a maioria. Isso pode indicar que houve a compreensão dos conceitos.

Esses dados apontam que a Primeira Unidade está adequada para ensinar o conteúdo que foi proposto. Por outro lado, a presença do gabarito pode ter contribuído para o alto índice de acertos. No entanto, percebe-se que no Capítulo 7, houve um aumento considerável de erros, demonstrando que a presença do gabarito pouco influenciou no índice de acertos, fortalecendo ainda mais a hipótese de que do Capítulo 1 ao 6, houve a compreensão dos exercícios. A dificuldade maior foi o Capítulo 7, no qual houve a cobrança de todos os conceitos de uma vez. Talvez, essa seja a dificuldade que os pais não conseguiram lidar, ou seja, quando os conceitos da Análise do Comportamento aparecem todos juntos, os leitores apresentaram dificuldades maiores.

Com relação a Segunda Unidade do material, os dados obtidos estão apresentados na Tabela 2 a seguir.

Tabela 2

Quantidade de pessoas em cada categoria de resposta dos exercícios da Unidade 2 do material didático

Unidade 2: Análise funcional do comportamento				
Identificação da atividade	Correto	Em branco	Parcialmente correto	Incorreto
Cap. 4, p. 46 (problema)	4	2	0	1
Cap. 4, p. 46 (respostas)	1	3	2	1
Cap. 4, p. 46 e 47 (tabela)	0	3	4	0
Cap. 6, ex. 1	5	0	0	2
Cap. 6, ex. 2	7	0	0	0
Cap. 6, ex. 3	7	0	0	0
Cap. 6, ex. 4	6	0	0	1
Total	**30**	**8**	**6**	**5**

A Tabela 2 mostra que 61,2% das respostas foram corretas, 16,3% foram deixadas em branco, 12,2% foram respondidas parcialmente corretas e 10,2% foram incorretas.

Pode-se observar que a Segunda Unidade como um todo teve um índice menor de respostas corretas e parcialmente corretas (73,4%) se comparado com a Primeira Unidade, mas ainda pode ser considerada uma porcentagem alta de acertos minimamente parciais. Sobre o Capítulo 4 é importante ressaltar que houve mais exercícios dissertativos, o que pode ter contribuído para a redução do índice de acertos. Esses exercícios não tinham gabarito, pois o leitor precisava registrar fatos da sua vida real para executar a atividade. Essa execução era feito após a apresentação de um

modelo, mas alguns participantes deixaram em branco. Já o Capítulo 6 eram exercícios de múltipla escolha, o que facilitou a obtenção do índice de acerto 89%.

Os dados obtidos na Terceira Unidade do material estão apresentados na Tabela 3, a seguir.

Tabela 3

Quantidade de pessoas em cada categoria de resposta dos exercícios da Unidade 3 do material didático

Unidade 3: Intervenção com DRI e DRA				
Identificação do exercício	Correto	Em branco	Parcialmente correto	Incorreto
Cap. 2, ex. 1	4	0	3	0
Cap. 2, ex. 2	4	0	3	0
Cap. 2, ex. 3	1	0	2	4
Cap. 2, ex. 4	1	0	2	4
Cap. 2, ex. 5	2	0	2	3
Cap. 3, ex. 1	4	1	2	0
Cap. 3, ex. 2	2	1	2	2
Cap. 3, ex. 3	1	1	2	3
Cap. 3, ex. 4	6	1	0	0
Cap. 3, ex. 5	1	2	3	1
Cap. 4	1	2	3	1
Total	**27**	**8**	**24**	**18**

A Tabela 3 mostra que 35% das respostas foram corretas, 10,4% foram deixadas em branco, 31,2% foram parcialmente corretas e 23,4% foram respondidas incorretamente.

A soma dos índices corretos e parcialmente corretos é de 66,2%, o que é um valor maior que a metade. No entanto, a porcentagem de respostas incorretas e em branco é a maior entre as três unidades (33,8%). Essa quantidade de erros também pode ter sido gerada pela característica dos exercícios, que eram dissertativos. Apesar de haver um gabarito, as respostas poderiam ser diversas, obedecendo a um critério mínimo de acerto. A quantidade de erros presente nesta Terceira Unidade sugere a necessidade de uma revisão para alterar o material.

Diante de todos os exercícios presentes no material didático, a Terceira Unidade é a que apresentou menor índice de acertos, indicando que o material não está adequado nesta parte. Levanta-se a hipótese de que os exercícios estavam difíceis demais, sem respeitar ao Princípio dos pequenos passos de Botomé (1970).

A alteração sugerida para esta Unidade é inserir novos exercícios dos quais sejam mais fáceis, tanto em complexidade quanto em estrutura do exercícios (múltipla escolha, por exemplo) antes dos já apresentados no material.

Avaliação do resultado do questionário TAI adaptado.

Para Kazdin (1977) e Wolf (1978) (apud Gresham, Cook e Crews, 2004) a validade social tem três níveis: 1) relevância social dos objetivos da intervenção; 2) aceitabilidade social dos procedimentos da intervenção; 3) importância social dos efeitos da intervenção. O Estudo 3 avaliou o nível 3 por meio de um questionário no qual havia questões que abordavam 1) as técnicas para lidar com o indivíduo, 2) a forma

de ensinar novos comportamentos, 3) relacionamento entre o familiar e o indivíduo, 4) confiança que o familiar sente em relação à sua habilidade, 5) controle sob os comportamentos do indivíduo, 6) esclarecimento sobre o assunto, 7) situação de outros problemas perante a leitura do material, 8) avaliação do material e 9) avaliação geral sobre a pesquisa. A Tabela 4 mostra os resultados obtidos.

Tabela 4

Quantidade de pessoas em cada categoria de resposta do inventário de satisfação adaptado

Pergunta 1 Técnicas	Nada	Quase nada	Poucos procedimentos úteis	Vários procedimentos úteis	Muitos procedimentos úteis
	0	0	1	5	1
Pergunta 2 Ensino	1.atrapalhará	2.adiantará pouco	3.não fará diferença	4.trará bons resultados	5.solucionará a maioria dos meus problemas
	0	1	1	4	1
Pergunta 3 Relacionamento	1.muito pior que antes	2.um pouco pior que antes	3.o mesmo que antes	4.um pouco melhor que antes	5.muito melhor que antes
	0	0	2	3	2
Pergunta 4 Confiança	1.muito menos confiante	2.um pouco menos confiante	3.o mesmo	4.um pouco mais confiante	5.muito mais confiante
	0	0	2	2	3
Pergunta 5	1. muito pior	2.um pouco pior	3.o mesmo	4.um pouco melhor	5.muito melhor

Controle	0	0	3	2	2
Pergunta 6 Esclarecimento	1.não aprendi nada	2.aprendi quase nada	3.aprendi algumas coisas	4.aprendi diversas coisas	5.aprendi muito e continuo aprendendo com o material
	0	0	4	1	2
Pergunta 7 Outros problemas	1.atrapalhou muito	2.atrapalhou um pouco	3.nem ajudou nem atrapalhou	4.ajudou um pouco	5.ajudou muito
	0	1	1	2	3
Pergunta 8 Material	1.muito fraco	2.fraco	3.adequado	4.bom	5.muito bom
	0	1	1	4	1
Pergunta 9 Avaliação	1. detestei	2. não gostei	3. sinto-me neutro(a)	4. gostei um pouco	5. gostei muito
	0	0	0	1	6
Total	**0**	**3**	**15**	**24**	**21**

Nenhuma pessoa respondeu nível 1 de satisfação; 4,8% responderam nível 2; 23,8% responderam nível 3; 38,1% responderam nível 4; e 33,3% responderam nível 5 de satisfação. Isso quer dizer que, dos sete participantes que leram e avaliaram o material, 71,4% das pessoas avaliaram o material como acima do mediano, ou seja, responderam níveis 4 e 5.

Avaliação das entrevistas.

Durante as entrevistas, apenas uma pessoa relatou que a Primeira Unidade do material foi a mais fácil. Muitas disseram que a Primeira Unidade não foi a dificuldade

maior do material, mas apontaram que se fosse apresentado de outra forma, seria mais fácil de os leigos compreenderem:

> Eu acho que o conceito está bom para quem é profissional, profissional da educação ou profissional no atendimento de pessoa especial. Agora a gente que é leigo e é mãe; para a gente é um pouquinho complicado. Por isso teve coisas que eu li e reli algumas vezes para poder ter alguma compreensão (P. 3).

Algumas, relataram o mesmo com relação ao material todo:

> [...] Para vocês que estudaram... Assim, o que está escrito aqui, é... As palavras você entende. A linguagem é uma língua estranha. [...]. Vamos supor um médico lá, eles têm uma doença lá e tem um código SS e tal, quer dizer; para mim que não sei nada, para mim é um código. Então, para mim esse livro está assim, como um código (P. 2).

Não se deve desconsiderar que o nível de instrução dos familiares que participaram dessa pesquisa variou entre 4ª série primária ao ensino médio completo, concluído por supletivo ou ensino regular. Quatro participantes declararam que não tinham hábito de leitura e estudo (P.2, P.4, P.5 e P.6). Essa informação indica que dificuldades pessoais também influenciaram no resultado deste trabalho.

Com relação à Segunda Unidade, sobre Análise Funcional, foi percebido que quatro participantes entenderam o que é a Análise Funcional, no entanto declararam insegurança em fazer sozinhos, relatando que teriam de confirmar se estavam fazendo certo e que se houvesse alguém para ajudá-lo pessoalmente, seria melhor.

> Eu queria até conversar com você para saber se eu estava reforçando ou se eu estava deixando de fazer [...] Não sei se estou fazendo certo em ficar quieta ali, porque eu não consigo falar [...] Eu não tenho certeza se estou fazendo certo (P. 1).

Quatro participantes (P. 2, P. 4, P. 6 e P.7) declararam que tiveram dificuldade em entender a Terceira Unidade do material didático, que se destinava a ensinar DRI e DRA). Muitas, não conseguiram descrever o que seria o DRI ou o DRA e outras concluíram que os procedimentos ensinados são insuficientes para atender as especificidades do filho autista (P. 5).

Quando a pesquisadora perguntou a diferença entre o DRI e o DRA para P. 4, mesmo com o material em mãos, ela descreveu fatos que não estavam relacionados à definição de DRI:

> Acho que isso aqui, se eu fizer por ele, no DRI, ele nunca vai conseguir fazer as coisas sozinho. Se eu fizer por ele, dar comida, dar pão... Não vou estar estimulando ele a fazer sozinho alguma coisa. Eu acho que é isso (P. 4).

Apesar de P. 5 declarar que achava que a leitura do material ajudou, quando perguntado se achava que haveria melhoras no futuro, seu discurso foi voltado às dificuldades:

> [...] ele é difícil porque no caso dele... eu já até conversei com a psicóloga, ele é diferente de outras crianças daqui. [...] Que nem no caso, ele é teimoso [...] até teve que dar um remédio para ele se acalmar um pouco mais, né. [...] Por ele ficar beliscando, machucando outras crianças né e mesmo que fale com ele, ele continua a mesma coisa. Na hora que ele quer, ele para; na que não quer, ele não para. Por isso fica um pouquinho difícil no caso dele (P. 5)

Pode-se observar que os dados obtidos pelo Inventário de Satisfação adaptado, em relação à satisfação do leitor quanto à sua aprendizagem, a maioria (71,4%) das pessoas avaliaram o material com nível de satisfação bom ou melhor, apesar de não terem conseguido aproveitar 100% do material, que foi detectado pela análise qualitativa das entrevistas e, também, pela análise obtida pela correção do material.

Alguns participantes (P.1 e P.3) conseguiram identificar que a Análise Funcional é importante para se entender o comportamento para depois poder intervir, assim como a literatura preconiza (Skinner, 1953/1981). No entanto, relataram que não sabiam se estavam fazendo certo ou errado, sentiram dificuldade para ter certeza sobre a análise realizada, apontando que a presença de alguém com conhecimento para explicar o conteúdo seria melhor para o seu aproveitamento.

Estuda-se a possibilidade de realizar essa intervenção com reuniões periódicas (semanais, por exemplo) como acompanhamento da leitura, para tirar dúvidas antes que

o familiar passe adiante para o próximo capítulo ou unidade. Muito provavelmente, se este procedimento tivesse sido executado, os resultados nos relatos destes familiares seriam outros.

P.3 afirmou ainda, em entrevista, que os conceitos da Unidade 1, apesar de difíceis para uma mãe compreender, são necessários para a compreensão da Unidade 2. Os conceitos trabalhados foram: resposta, consequência, antecedente, contingência, punição, extinção, reforço, discriminação e generalização. Esses conceitos são básicos para a compreensão da Análise Funcional. Apesar de P.3 relatar dificuldades nessa Unidade, sua percepção de que a compreensão da Unidade 1 é necessária para a Unidade 2 foi correta.

Apenas uma participante (P.3) apresentou compreensão clara dos procedimentos de intervenção. A participante declarou ter resultados positivos em relação à aplicação do procedimento do DRI, dando ao seu filho um pano para ele girar com as mãos, e ele parar com o comportamento de se masturbar. Ainda não tinha conseguido resultados com outros comportamentos, mas conseguiu executar alguns procedimentos e obter resultados positivos. Reforçar o comportamento de girar o pano de P.3 está condizente com o procedimento de DRI, pois girar o pano com as mãos e masturbar-se colocando as mãos nos órgãos genitais são comportamentos incompatíveis (Friman, Barnard, Altman e Wolf, 1986).

Conclusão

Pode-se concluir que a elaboração do material didático foi validada socialmente. De acordo com Kazdin (1977) e Wolf (1978) (apud Gresham, Cook e Crews, 2004), a validação tem três níveis: 1) relevância social dos objetivos da intervenção; 2)

aceitabilidade social dos procedimentos da intervenção; 3) importância social dos efeitos da intervenção.

Pode-se dizer que houve validação no nível 1 uma vez que as instituições colaboraram e apontaram como uma pesquisa necessária para a população. Com relação ao nível 2, no inventário de satisfação, as participantes responderam que o material didático é um procedimento de intervenção válido. No nível 3, apesar de os familiares não terem apresentado aprendizagem completa do que o material se propunha, 71,4% das pessoas avaliaram que aprenderam procedimentos úteis com o material, respondendo que melhoraram o relacionamento, a confiança, o controle e o esclarecimento com relação aos comportamentos do familiar que apresenta comportamento aberrante. No entanto, na questão 6 do TAI adaptado, sobre o Esclarecimento, houve um índice de 42% que afirmaram que aprenderam alguma coisa. Apesar de ainda ser a maioria das pessoas afirmando isso, considera-se essa porcentagem relativamente baixa, o que transparece na entrevista como a existência de muitas dúvidas.

A análise dos resultados da correção do material, mais a avaliação do questionário TAI adaptado e as entrevistas indicam que o material foi satisfatório, mas poderia ser ainda melhor, principalmente, na Terceira Unidade, onde apareceram mais erros e dúvidas.

Considerações finais

Com o fornecimento desse material para a população participante deste estudo, pode-se observar que aprender procedimentos da Análise do Comportamento,

especialmente o DRA e o DRI, por meio de um material didático foi difícil para pais com nível de instrução variada. Tal aprendizagem é complexa, exige repertório em relação a habilidades acadêmicas (leitura, compreensão de conceitos, execução de exercícios variados, entre outros) além de domínio em relação à Análise Funcional para fazer intervenção. Mas apesar disso, os familiares apresentaram satisfação com relação ao método de intervenção e aprendizagem em conceitos básicos.

Estima-se, também, o uso desse material como auxílio para a aprendizagem de intervenções. Em outras palavras, o material pode ser usado como recurso por profissionais que entendam de Análise do Comportamento e queiram ensinar pessoas a lidarem com seus familiares de forma a reduzir a frequência de comportamentos aberrantes. Sendo assim, o material seria um recurso no qual o aprendiz pode tirar suas dúvidas com o profissional e ainda manter mais acessível as informações sobre as intervenções (o material didático) perto de si.

Para ampliar a forma de uso desse material, sugere-se a utilização em grupo de pais em instituições de atendimento especializado e conduzido por um profissional conhecedor das práticas abordadas no material. Esse grupo favoreceria a socialização de dúvidas e ideias que as práticas desses procedimentos podem proporcionar.

Para futuras pesquisas, sugere-se a realização de material semelhante direcionado a profissionais para conhecerem a Análise do Comportamento. Tal condição pode auxiliar a endossar a importância de se produzir novos conhecimentos nessa área além de beneficiar a comunidade interessada.

Referências

Asmus, J. M., Ringdhal, J. E., Sellers, J. A., Call, N. A., Andelman, M. S. & Wacker, D. P. (2004). Use of a short-term inpatient model to evaluate aberrant behavior: outcome data summaries from 1996 to 2001. Journal of Applied Behavior Analysis, 37(3), 283-304.

Botomé, S. P. (1970) Princípios básicos para programação de ensino. Não publicado.

Britton, L. N., Carr, J. E., Kellum, K. K., Dozier, C. L. & Weil, T. M. (2000). A variation of noncontingent reinforcement in the treatment of aberrant behavior. Research in Developmental Disabilities, 21, 425-435.

Brown, K. A., Wacker, D. P., Derby, K. M., Peck, S. M., Richman, D. M., Sasso, G. M. … Harding, J. W. (2000). Evaluating the effects of functional communication training in the presence and absence of establishing operations. Journal of Applied Behavior Analysis, 33(1), 53-71.

Declaração Universal dos Direitos Humanos, 217 A (III), Assembléia Geral das Nações Unidas (1948).

Deleon, I. G., Kahng, S. W., Rodriguez-Catter, V., Sveinsdóttir, I. & Sadler, C. (2003). Assessment of aberrant behavior maintained by wheelchair movement in a child with developmental disabilities. Research in Developmental Disabilities, 24, 381-390.

Eyberg, S. (1993). Consumer satisfaction measures for assessing parent training programs. Innovations in clinical practice: a source book, 12, 377-382.

Fornazari, S. A. (2011) Software "ENSINO" (versão 1.5.5) [Programa de Computador]. Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR.

Friman, Barnard, Altman & Wolf (1986). Parent and teacher use of DRO and DRI to reduce aggressive behavior. 6, 319-330.

Golonka, Z., Wacker, D., Berg, W., Derby, K. M., Harding, J. & Peck, S. (2000). Effects of escape to alone versus escape to enriched environments on adaptive and aberrant behavior. Journal of Applied Behavior Analysis, 33(2), 243-246.

Gresham, F. M., Cook, C. R. & Crews, D. (2004). Social skills training for children and youth with emotional and behavioral disorders: validity considerations and future directions. Behavioral disorders, 30(1), 32-46.

Gwinn, M. M., Derby, M., Fisher, W., Kurtz, P., Fahs, A., Augustine, M. & McLaughlin, T. F. (2005). Effects of Increased Response Effort and Reinforcer Delay on Choice and Aberrant Behavior. Journal of Applied Behavior Analysis, 29(4), 642-652.

Keeney, K. M., Fisher, W. W., Adelinis, J. D. & Wilder, D. A. (2000). The effects of response cost in the treatment of aberrant behavior maintained by negative reinforcement. Journal of Applied Behavior Analysis, 33(2), 255-258.

Lancioni, G. E., O'reilly, M. F., Singh, N. N., Piazzolla, D. O. G. & Groeneweg, J. (2004). Assessing influence of stimulation on mood and aberrant behavior of persons with multiple disabilities during brief treadmill sessions. Perceptual and Motor Skills, 99, 931-936.

Martins, E. V. (2013). Aplicação e avaliação de duas capacitações informatizadas para pais de crianças com problemas de comportamento (dissertação de mestrado não publicada). Universidade Estadual de Londrina.

Mello, H. C. M. (2012). Avaliação de um programa informatizado de capacitação para mães de crianças com necessidades educacionais especiais (dissertação de mestrado não publicada). Universidade Estadual de Londrina.

Moreira, M. F., Nóbrega, M. M. L. & Silva, M. I. T. (2003). Comunicação escrita: contribuição para a elaboração de material educativo em saúde. Revista Brasileira de Enfermagem, 56(2), 184-188.

Patel, M. R., Carr, J. E., Kim, C., Robles, A. & Eastridge, D. (2000). Functional analysis of aberrant behavior maintained by automatic reinforcement: assessments of specific sensory reinforcers. Research in Developmental Disabilities, 21, 393-407.

Piazza, C. C., Adelinis, J. D., Hanley, G. P., Goh, H. L. & Delia, M. D. (2000). An evaluation of the effects of matched stimuli on behaviors maintained by automatic reinforcement. Journal of Applied Behavior Analysis, 33(1), 13-27.

Reed, G. K., Ringdahl, J. E., Wacker, D. P., Barretto, A. & Andelman, M. S. (2005). The effects of fixed-time and contingent schedules of negative reinforcement on compliance and aberrant behavior. Research in Developmental Disabilities, 26, 281-295.

Roane, H. S., Fisher, W. W. & Sgro, G. M. (2001). Effects of a fixed-time schedule on aberrant and adaptive behavior. Journal of Applied Behavior Analysis, 34(3), 333-336.

Saunders, R. R., McEntee, J. E. & Saunders, M. D. (2005). Interaction of reinforcement schedules, a behavioral prosthesis, and work-related behavior in adults with mental retardation. Journal of Applied Behavior Analysis, 38(2), 163-176.

Skinner, B. F. (1953/1981). Ciência e comportamento humano. São Paulo: Martins Fontes.

Conclusão e considerações finais

A presente pesquisa demonstrou resultados satisfatórios em relação a efetividade da elaboração e fornecimento de material a familiares contendo conteúdos sobre a Análise do Comportamento e sobre procedimentos de intervenção. Tanto dos familiares quanto por parte dos coparticipantes (as instituições), demonstraram interesse nesse tipo de pesquisa, indicando relevância do estudo.

Trabalhos como este devem ser continuados para haver divulgação dos procedimentos eficazes apontados neste estudo e também para haver disseminação da expressão padronizada. Havendo tal padronização, mais pesquisas podem surgir e trazer resultados melhores, favorecendo mais pessoas. Essa comunicação entre conhecimento científico e a comunidade geral deve ser preservada e mantida, pois seria este o objetivo final de qualquer pesquisa.

Referências

American Psychiatric Association. (2013). Diagnostic and statistical manual of mental disorders (5th ed.). Arlington, VA: American Psychiatric Publishing.

Andery, M. A. P. A. (2010). Métodos de pesquisa em Análise do Comportamento. *Psicologia*, 21(2), 313-342.

Asmus, J. M., Ringdhal, J. E., Sellers, J. A., Call, N. A., Andelman, M. S. & Wacker, D. P. (2004). Use of a short-term inpatient model to evaluate aberrant behavior: outcome data summaries from 1996 to 2001. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 37(3), 283-304.

Asmus, J. M., Wacker, D. P., Harding, J., Berg, W. K., Derby, M. & Kocis, E. (1999). Evaluation of antecedent stimulus parameters for the treatment of escape-maintained aberrant behavior. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 32(4), 495-513.

Bolsoni-Silva, A. T. & Marturano, E. M. (2002). Práticas educativas e problemas de comportamento: uma análise à luz das habilidades sociais. *Estudos em psicologia,* 7(2). Recuperado de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2002000200004&lng=en&nrm=iso

Botomé, S.P. (2001). A noção de comportamento. Em: H. P. M. Feltes e U. Zilles (orgs) *Filosofia*: diálogo de Horizontes. Caxias do Sul: EDUCS, Porto Alegre: EDIPUCRS. p. 687-708.

Botomé, S. P. (1970) Princípios básicos para programação de ensino. Não publicado.

Britton, L. N., Carr, J.E., Kellum, K. K., Dozier, C. L. & Weil, T. M. (2000). A variation of noncontingent reinforcement in the treatment of aberrant behavior. *Research in Developmental Disabilities*, 21, 425-435

Brown, K. A., Wacker, D. P., Derby, K. M., Peck, S. M., Richman, D. M., Sasso, G. M. ... Harding, J. W. (2000). Evaluating the effects of functional communication training in the presence and absence of establishing operations. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 33(1), 53-71

Caballo, V. E. (1996). *Manual de técnicas de terapia e modificação do comportamento*. Livraria Editora Santos:São Paulo, SP.

Catania, A. C. (1999). Aprendizagem: comportamento, linguagem e cognição. 4. Ed. Porto Alegre: ArtMed.

Cortegoso, A. L. & Coser, D. S. (2011). Unidade 2: O conceito de comportamento. In Elaboração de programas de ensino: material autoinstrutivo. (pp. 19-43). São Carlos: EdUfSCar.

Declaração Universal dos Direitos Humanos, 217 A (III), Assembléia Geral das Nações Unidas (1948).

Declaração de Salamanca (1994). Recuperado de http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf.

Deleon, I. G., Kahng, S. W., Rodriguez-Catter, V., Sveinsdóttir, I., Sadler, C. (2003). Assessment of aberrant behavior maintained by wheelchair movement in a child with developmental disabilities. *Research in Developmental Disabilities*, 24, 381-390

Derby, K. M., Wacker, D. P., Peck, S., Sasso, G., DeRaad, A., Berg, W. … Ulrich, S. (1994). Functional analysis of separate topographies of aberrant behavior. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 27(2), 267-278.

Eyberg, S. (1993). Consumer satisfaction measures for assessing parent training programs. Innovations in clinical practice: a source book, 12, 377-382.

Fontelles, M. J., Simões, M. G., Farias, S. H., Fontelles, R. G. S. (2009). Metodologia da pesquisa científica: diretrizes para a elaboração de um protocolo de pesquisa. Recuperado de http://files.bvs.br/upload/S/0101-5907/2009/v23n3/a1967.pdf.

Fornazari, S. A. (2000). Redução de comportamentos inadequados em portadores de deficiência mental, no treino para o trabalho (dissertação de mestrado não publicada). Unversidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP.

Fornazari, S. A. (2005). *Comportamentos inadequados e produtividade em pessoas com deficiência mental ou múltipla em ambiente educacional* (tese de doutorado não publicada). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara.

Fornazari, S. A. (2011) Software "ENSINO" (versão 1.5.5) [Programa de Computador]. Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR.

Fornazari, S. A., Goyos, C., Camargo, K., Granero, F. & Bezerra, C. (2001). Comportamentos inadequados e produtividade de indivíduos deficientes mentais no trabalho. *Perspectivas multidisciplinares em educação especial II*, 667-673.

Friman, Barnard, Altman & Wolf (1986). Parent and teacher use of DRO and DRI to reduce aggressive behavior. 6, 319-330.

Golonka, Z., Wacker, D., Berg, W., Derby, K. M., Harding, J. & Peck, S. (2000). Effects of escape to alone versus escape to enriched environments on adaptive and aberrant behavior. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 33(2), 243-246

Gongora, M. A. N. (2003). Noção de Psicopatologia na Análise do Comportamento. In: Carlos Eduardo Costa; Josiane Cecilia Luzia; Heloísa Helena Nunes Sant'Anna. (Org.). *Primeiros Passos em Análise do Comportamento e Cognição.* 1ªed.Santo André: ESETec, p. 93-109.

Gresham, F. M., Cook, C. R. & Crews, D. (2004). Social skills training for children and youth with emotional and behavioral disorders: validity considerations and future directions. *Behavioral disorders*, 30(1), 32-46.

Gwinn, M. M., Derby, K. M., Fisher, W., Kurtz, P., Fahs, A., Augustine, M. & McLaughlin, T. F. (2005) Effects of Increased Response Effort and Reinforcer Delay on Choice and Aberrant Behavior. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 29(4), 642-652

Jornal do Leitor (2013). *A inclusão dos portadores de deficiência na sociedade*. Recuperado de http://www.opovo.com.br/app/jornaldoleitor/noticiassecundarias/correspondentes/2013/04/20/noticiajornaldoleitorcorrespondente,3042890/a-inclusao-dos-portadores-de-deficiencia-na-sociedade-tiradentes.shtml.

Keeney, K. M., Fisher, W. W., Adelinis, J. D. & Wilder, D. A. (2000). The effects of response cost in the treatment of aberrant behavior maintained by negative reinforcement. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 33(2), 255-258

Lancioni, G. E., O'Reilly, M. F., Singh, N. N., Piazzolla, D. O. G., Groeneweg, J. (2004). Assessing influence of stimulation on mood and aberrant behavior of persons with multiple disabilities during brief treadmill sessions. *Perceptual and Motor Skills*, 99, 931-936

Lopes, C. E. (2008). Uma proposta de definição de comportamento no behaviorismo radical. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva, 10(1), 1-13.* Recuperado de http://www.usp.br/rbtcc/index.php/RBTCC/article/view/206/172

Luna, S. V. (1997). O terapeuta é um cientista? *Sobre Comportamento e Cognição: Aspectos teóricos, metodológicos e de formação em Análise do Comportamento e Terapia Cognitivista*. 1, 305-313.

Mantoan, M. T. E. (1993). Integração X inclusão: escola (de qualidade) para todos. Ensino e diversidade. Recuperado de http://www.mp.go.gov.br/portalweb/hp/41/docs/integracao_x_inclusso_escola_de_qualidade_para_todos.pdf

Martins, E. V. (2013). Aplicação e avaliação de duas capacitações informatizadas para pais de crianças com problemas de comportamento (dissertação de mestrado não publicada). Universidade Estadual de Londrina.

Matos, M. A. (2001). Comportamento governado por regras. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*. 3(2).

Mello, H. C. M. (2012). Avaliação de um programa informatizado de capacitação para mães de crianças com necessidades educacionais especiais (dissertação de mestrado não publicada). Universidade Estadual de Londrina.

Mendes, E. G. (2001). Comportamentos aberrantes ou desafiadores? In Marquezine, M. C., Almeida, M. A. & Tanaka, E. D. O. (orgs.). *Perspectivas multidisciplinares em educação especial II*. 2, 321-332.

Miguel, C. O. (2000). Conceito de Operação Estabelecedora na Análise do Comportamento. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16(3), 259-267

Moreira, M. F., Nóbrega, M. M. L. & Silva, M. I. T. (2003). Comunicação escrita: contribuição para a elaboração de material educativo em saúde. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 56(2), 184-188.

Notícias Terra. (22 de dezembro de 2013). Ásia: Servida na rua, carne de cachorro é iguaria no inverno chinês. Recuperado em http://noticias.terra.com.br/mundo/asia/servida-na-rua-carne-de-cachorro-e-iguaria-no-inverno-chines,ec53a1d7df913410VgnVCM10000098cceb0aRCRD.html.

O'Reilly, M. F., Lancioni, G. E., King, L., Lally, G. & Dhomhnaill, O. N. (2000). Using brief assessments to evaluate aberrant behavior maintained by attention. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 33(1), 109-112

Patel, M. R., Carr, J. E., Kim, C., Robles, A. & Eastridge, D. (2000). Functional analysis of aberrant behavior maintained by automatic reinforcement: assessments of specific sensory reinforcers. *Research in Developmental Disabilities*, 21, 393-407

Piazza, C. C., Adelinis, J. D., Hanley, G. P., Goh, H-L. & Delia, M. D. (2000). An evaluation of the effects of matched stimuli on behaviors maintained by automatic reinforcement. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 33(1), 13-27

Reed, G. K., Ringdhal, J. E., Wacker, D. P., Barretto, A. & Andelman, M. S. (2005). The effects of fixed-time and contingent schedules of negative reinforcement on compliance and aberrant behavior. *Research in Developmental Disabilities*, 26, 281-295

Roane, H. S., Fisher, W. W. & Sgro, G. M. (2001). Effects of a fixed-time schedule on aberrant and adaptive behavior. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 34(3), 333-336

Sant'Anna, R. C. (2001) Behaviorismo radical: o comportamento sob uma perspectiva otimista In Guilhardi, H. J., Madi, M. B. B. P., Queiroz, P. P., & Scoz, M. C. (Orgs.). (2001). *Sobre comportamento e cognição: Expondo a variabilidade*. Santo André: Esetec

Saunders, R. R., McEntee, J. E. & Saunders, M. D. (2005). Interaction of reinforcement schedules, a behavioral prosthesis, and work-related behavior in adults with mental retardation. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 38(2), 163-176

Sidman, M. (1976). *Táticas da pesquisa científica: avaliação dos dados experimentais na psicologia*. São Paulo: Brasiliense.

Skinner, B. F. (1953/1981). *Ciência e Comportamento Humano*. São Paulo: Martins Fontes.

Skinner, B. F. (1975). Contingências do reforço (capítulos I, VI, VII, VIII). *Os Pensadores – Skinner e Piaget* (tradução e seleção de Raquel Moreno). São Paulo: Editora Abril Cultural.

Todorov, J. C. (2012). Sobre uma definição de comportamento. *Perspectivas em Análise do Comportamento,* 3(1), 32-37.

Tribuna de Minas (2013). MTE aborda inclusão de pessoa com deficiência. Recuperado de http://www.tribunademinas.com.br/economia/mte-aborda-inclus-o-de-pessoa-com-deficiencia-1.1262734.

Ullmann, L. P., Krasner, L. (1969). *A psychological approach to abnormal behavior*. Englewood Cliffs. NJ: Prentice-Hall

Vollmer, T. R., Progar, P. R., Lalli, J. S., Camp, C. M. V., Sierp, B. J., Wright, C. S. … Eisenschink, K. J. (1998). Fixed-time schedules attenuate extinction-induced phenomena in the treatment of severe aberrant behavior. *Journal of Applied Behavior Analysis,* 31(4), 529-542.

Weeks, M. & Gaylord-Ross, R. (1981). Task difficulty and aberrant behavior in severely handicapped students. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 14(4), 449-463.

APÊNDICES

Apêndice A

Carta convite aos participantes

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA
Programa de Mestrado em Análise do Comportamento
Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento
Professora orientadora: Drª. Silvia Aparecida Fornazari da Silva
Professora coorientadora: Drª. Nádia Kienen
Mestranda: Raquel Akemi Hamada

Caro(a) (nome do participante)

A aluna de mestrado em Análise do Comportamento da UEL Raquel Akemi Hamada, juntamente com sua orientadora Profª. Drª. Silvia Aparecida Fornazari e sua coorientadora Profª. Drª. Nádia Kienen, estão realizando uma pesquisa relacionada a comportamentos aberrantes. Os objetivos desta pesquisa são elaborar e avaliar um material didático direcionado a famílias acerca de manejo de comportamentos aberrantes de acordo com o embasamento teórico da Análise do Comportamento.

Neste estudo, consideraremos como comportamentos aberrantes tudo aquilo que uma pessoa faz e que é incomum para o padrão de normalidade social, além de causar prejuízos para a saúde, tanto para a sociedade quanto para o próprio indivíduo e sua família. Esses comportamentos normalmente são difíceis de lidar, uma vez que sua frequência e permanência são altas quando comparados a outros comportamentos inadequados cotidianos. Dentre eles podem-se encontrar: autolesão, estereotipia, coprofagia, masturbação em público, agressão, entre outros comportamentos. Tais comportamentos são diferentes de outros que, mesmo inadequados, são relativamente comuns e mais fáceis de intervir.

Convidamos vossa senhoria a participar dessa pesquisa por meio da leitura do material fornecido e, posteriormente, avaliação por meio de um questionário de dez perguntas e uma entrevista com a pesquisadora. O objetivo é mensurar o quanto o material elaborado foi útil ou não.

Havendo qualquer dúvida, pode entrar em contato com a mestranda pesquisadora pelo e-mail: psicorah@gmail.com, ou por celular: (43) 9112 7733.

Londrina, ____ de _____ de 2014.

_____
Raquel Akemi Hamada
Mestranda em Análise do Comportamento

_____
Nádia Kienen
Professora Coorientadora

_____
Silvia Aparecida Fornazari
Professora Orientadora

Apêndice B

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para os participantes

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Elaboração de material didático para pais sobre intervenção analítico comportamental em comportamentos aberrantes

Prezado(a) Senhor(a): _____

Gostaríamos de convidá-lo(a) a participar da pesquisa intitulada "Intervenção analítico comportamental em comportamentos aberrantes: elaboração de material didático para pais", realizada na Universidade Estadual de Londrina; no Departamento de Psicologia e Análise do Comportamento; no Programa de Mestrado em Análise do Comportamento.

O objetivo da pesquisa é: avaliar um material didático, que será elaborado nesta pesquisa, direcionado a pais e familiares acerca de manejo de comportamentos aberrantes de acordo com o embasamento teórico da Análise do Comportamento.

Neste estudo, consideram-se comportamentos aberrantes aqueles que uma pessoa faz e é incomum para o padrão de normalidade social, além de causar prejuízos para a saúde, tanto para a sociedade quanto para o próprio indivíduo e sua família.

A sua participação é muito importante e ela necessitaria de sua colaboração para ler um material didático e avalia-lo por meio de um questionário impresso com dez perguntas objetivas e uma subjetiva. O tempo para a leitura do material será combinado com a pesquisadora e o questionário levará em torno de dez minutos para ser respondido. Haverá também uma entrevista gravada em áudio a respeito de suas opiniões sobre o

material lido. Essa entrevista tem segue um roteiro semiestruturado na qual tem previsão de duração de 20 minutos.

Devemos esclarecer que sua participação é totalmente voluntária, podendo você: recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa.

Informamos ainda que as informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade. O questionário respondido ficará arquivado sigilosamente e terá acesso a ele apenas os pesquisadores envolvidos, sendo este documento a fonte de dados para a avaliação e validação social do material didático.

Os benefícios esperados são: disponibilizar um material didático à população leiga acerca de manejo de comportamentos aberrantes; informar as pessoas interessadas sobre os procedimentos existentes na Análise do Comportamento acerca de manejo de comportamentos aberrantes; e produzir conhecimento na área de comportamentos aberrantes.

Enquanto possíveis riscos, pode-se considerar certo desconforto ao identificar os comportamentos, uma vez que os mesmos envolvem aspectos estranhos àquilo que é socialmente esperado. Neste caso, a pesquisadora o(a) acolherá em seu desconforto.

Informamos que o(a) senhor(a) não pagará, nem será remunerado por sua participação. Garantimos, no entanto, que todas as despesas decorrentes da pesquisa serão ressarcidas, quando devidas e decorrentes especificamente de sua participação na pesquisa.

Caso o(a) senhor(a) tenha dúvidas ou necessite de maiores esclarecimentos pode nos contactar: Raquel Akemi Hamada, Universidade Estadual de Londrina, Rod.

Celso Garcia Cid, PR 445, Km 380, Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento; telefone (43) 9112 7733; e-mail: psicorah@gmail.com ou Silvia Aparecida Fornazari, Universidade Estadual de Londrina, Rod. Celso Garcia Cid, PR 445, Km 380, Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento; telefone (43) 3371 4227, e-mail silfornazari@yahoo.com.br; ou procurar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Londrina, na Avenida Robert Kock, nº 60; telefone (43) 3371 2490 ou por e-mail: cep268@uel.br.

Este termo é preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas, devidamente preenchida e assinada entregue ao(a) senhor(a).

Londrina, ___ de _____de 2014.

_____
Raquel Akemi Hamada
RG 9 413 534 6
Mestranda em Análise do Comportamento

(nome por extenso) _____,
tendo sido devidamente esclarecido sobre os procedimentos da pesquisa, concordo em participar **voluntariamente** da pesquisa descrita acima.

_____
Assinatura (ou impressão dactiloscópica)
do participante

_____, ____ de _____ de 2014.

Apêndice C

Modelo de declaração de concordância da Instituição co-participante (em papel timbrado da instituição)

Declaração de Concordância de Instituição Co-Participante

Cidade, xx de xxxxxxx de xxxx

Ilma. Sra. Profa. Dra. Alexandrina Aparecida Maciel Cardelli

Coordenadora do CEP/UEL

Senhora Coordenadora

Declaramos que nós do(a) (instituição, serviço, departamento, etc., envolvido no projeto), estamos de acordo com a condução do projeto de pesquisa "Intervenção analítico comportamental em comportamentos aberrantes: elaboração de material didático para pais" sob a responsabilidade de Raquel Akemi Hamada, nas nossas dependências, tão logo o projeto seja aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo seres Humanos da Universidade Estadual de Londrina, até o seu final em agosto de 2014.

Estamos cientes que as unidades de análise da pesquisa serão dois ou mais pais e/ou familiares de pacientes do instituto bem como de que o presente trabalho deve seguir a Resolução 466/2012 do CNS e complementares.

Atenciosamente,

_____

Responsável pelo Serviço, Instituição, Departamento etc.

(nome,cargo,carimbo funcional)

Apêndice D

Questionário de avaliação do material didático adaptado

INVENTÁRIO DE SATISFAÇÃO

Adaptação do Therapy Attitude Inventory (TAI) de Eyberg (1993)

Instituição:_____ Telefone:_____

Nome:_____ Parentesco:_____

Por favor, circule a resposta para cada questão que melhor expresse como você realmente pensa ou se sente em relação ao material didático (Meu filho tem graves problemas de comportamento: o que eu faço?) que lhe foi entregue.

I. Considerando as técnicas para lidar com o comportamento aberrante do(a) meu(minha) filho(a), eu penso que eu aprendi				
1.nada	2.quase nada	3.poucos procedimentos úteis	4.vários procedimentos úteis	5.muitos procedimentos úteis

II. Considerando a forma de ensinar novos comportamentos a meu (minha) filho(a), eu sinto que o que eu aprendi				
1.atrapalhará	2.adiantará pouco	3.não fará diferença	4.trará bons resultados	5.solucionará a maioria dos meus problemas

III. Considerando o relacionamento entre mim e meu(minha) filho(a), eu sinto que nós nos lidamos				
1.muito pior que antes	2.um pouco pior que antes	3.o mesmo que antes	4.um pouco melhor que antes	5.muito melhor que antes

IV. Considerando a minha confiança na minha habilidade para educar meu(minha) filho(a), eu me sinto

1.muito menos confiante	2.um pouco menos confiante	3.o mesmo	4.um pouco mais confiante	5.muito mais confiante

V. Eu sinto, neste momento, que o controle que tenho sob os comportamentos aberrantes de meu(minha) filho(a) está				
1. muito pior	2.um pouco pior	3.o mesmo	4.um pouco melhor	5.muito melhor

VI. Considerando o que você já sabia antes da leitura do material e o que sabe agora, como avalia seu esclarecimento sobre o assunto?				
1.não aprendi nada	2.aprendi quase nada	3.aprendi algumas coisas	4.aprendi diversas coisas	5.aprendi muito e continuo aprendendo com o material

VII. Em que grau a leitura do material tem ajudado com outros problemas gerais, pessoais ou familiares não diretamente relacionados ao seu(sua) filho(a)?				
1.atrapalhou muito	2.atrapalhou um pouco	3.nem ajudou nem atrapalhou	4.ajudou um pouco	5.ajudou muito

VIII. Eu sinto que o tipo material que foi usado para me ajudar a melhorar os comportamentos do(a) meu(minha) filho(a) foi				
1.muito fraco	2.fraco	3.adequado	4.bom	5.muito bom

IX. Meu sentimento geral sobre a pesquisa que eu participei é				
1. detestei	2. não gostei	3. sinto-me neutro(a)	4. gostei um pouco	5. gostei muito

Sugestões, críticas e observações

_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

Apêndice E

Roteiro de entrevista semiestruturada

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento
Programa de Mestrado em Análise do Comportamento

Roteiro de entrevista semiestruturada
Intervenção analítico comportamental em comportamentos aberrantes: elaboração de material didático

1.	Instituição:
2.	Nome completo:
3.	Parentesco:
4.	Idade:
5.	Nível de instrução:
6.	Ocupação:

7.	A leitura do material didático te ajudou? Por quê?

8.	Você já leu materiais parecidos com esse? Quais?

9. Já havia ouvido falar em “comportamentos aberrantes”?

10. O que achou do termo “comportamento aberrante”?

11. O que foi mais difícil ao ler o material?

12. O que achou mais interessante no material?

13. Você conseguiu agir com seu filho do modo como o material ensina?

Se sim, como foi essa experiência? Se não, qual foi o motivo?

14. Com relação à pergunta 5 do questionário, sobre a condição do comportamento do(a) seu(sua) filho(a) atualmente, explique por que você acha que piorou/não mudou/melhorou.

15. Você acha que futuramente, aplicando mais vezes e por mais tempo os procedimentos sugeridos no material, você terá resultados melhores? Explique.

16. Quais sugestões tem para melhorar o material?

Apêndice F

Exemplo do material didático

PRIMEIRA UNIDADE

Entendendo alguns conceitos básicos da Análise do Comportamento

Você que está lendo este material deve estar muito ansioso para aprender sobre as intervenções e já colocá-las em prática, não é mesmo? Mas, para qualquer intervenção funcionar, ou seja, para obtermos resultados positivos e não o efeito contrário, devemos avaliar algumas condições antes de qualquer coisa. Para conseguir avaliar essas condições, primeiramente precisaremos entender alguns conceitos da Análise do Comportamento. Este material fornecerá instruções passo-a-passo, desde os conceitos para a análise dos comportamentos até a execução da intervenção. Por isso, é muito importante que este seja lido na sequência e que sejam feitas as atividades solicitadas. A sequência dos conceitos é: 1) resposta, consequência, antecedente e comportamento, 2) contingência, 3) punição, 4) extinção, 5) discriminação e generalização e 6) reforço. Depois aprenderemos o processo da Análise Funcional dos comportamentos e finalmente aprenderemos dois procedimentos de intervenção: o Reforçamento Diferencial de Comportamentos Incompatíveis (DRI) e o Reforçamento Diferencial de Comportamentos Alternativos (DRA). Não se preocupe, pois daqui a pouco esses conceitos todos já lhe serão mais familiares!

Vamos começar?

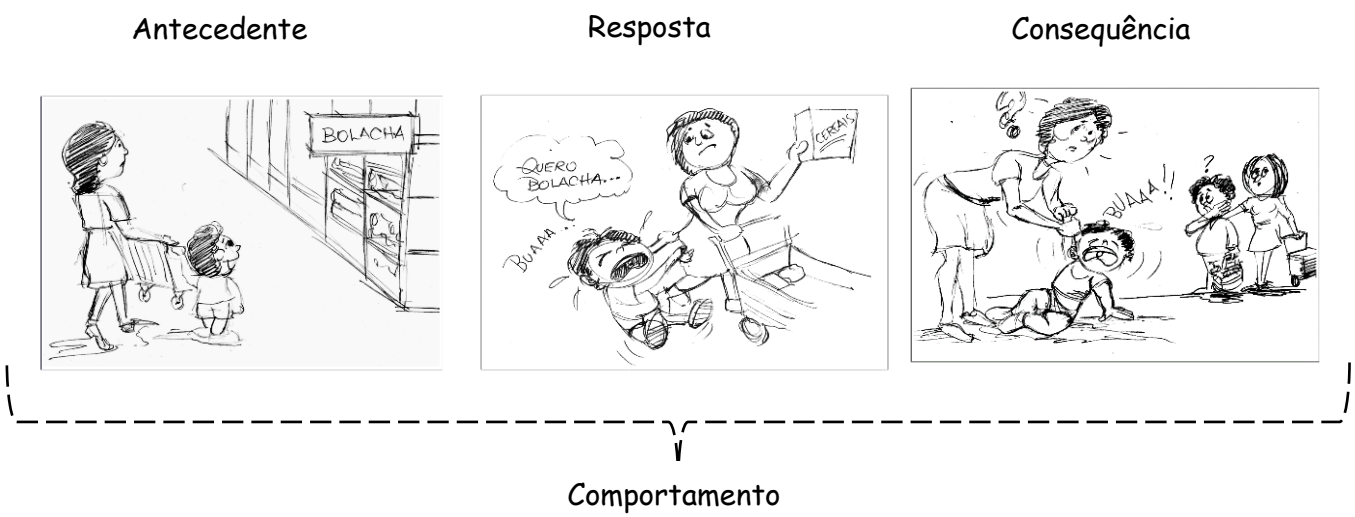
Capítulo 1
Identificando os componentes resposta, consequência e antecedente do comportamento

RESPOSTA é a ação do organismo, ou seja, o que a pessoa faz com o meio. Exemplos: andar, respirar, sentar, lembrar do ex-namorado.

CONSEQUÊNCIA é aquilo que acontece no ambiente depois de a pessoa agir (responder), ou seja, a alteração no ambiente provocado pela pessoa após fazer alguma coisa. Exemplos: aproximar-se do bolo (após andar), encher os pulmões de oxigênio depois de respirar, aliviar a dor nas pernas depois de sentar, aumentar a frequência de batimentos cardíacos depois de lembrar do ex-namorado.

ANTECEDENTE se refere à situação que antecede a resposta, ou seja, acontece antes da ação da pessoa. Exemplos: ver ou sentir cheiro de bolo e depois andar em direção a ele, faltar oxigênio no corpo antes de o indivíduo respirar, passar muito tempo em pé causando dor antes de o indivíduo sentar, ver um rapaz muito parecido com o ex-namorado e depois lembrar do ex-namorado.

Para ficar mais fácil a compreensão desses conceitos, observe a figura a seguir:



Primeiramente, iniciaremos a nossa análise pelo segundo quadrinho da figura que você acabou de ver, pois ele se refere à RESPOSTA da criança: chorar e fazer birra. Essa resposta aconteceu após o primeiro quadrinho, que mostra a situação ANTECEDENTE. Essa situação permitiu que a resposta de chorar da criança acontecesse. Logo mais, analisaremos a CONSEQUÊNCIA, no terceiro quadrinho, que mostra o que a resposta da criança de chorar e fazer birra provocou no ambiente.

A partir da relação entre esses três componentes (antecedente, resposta e consequência) temos o que chamamos de COMPORTAMENTO. Portanto, quando falamos em comportamento, precisamos nos atentar para o que acontece antes e depois, além daquilo que a pessoa faz.

Comportamento

Você sabia...

Que para identificar os três componentes do comportamento você deve sempre começar pela RESPOSTA? A resposta é sempre a mais fácil de ser identificada, pois é a ação do organismo. Somente mais tarde é que se identificam os antecedentes e os consequentes dessa resposta.

Para aprendermos direitinho esses conceitos, vamos realizar este pequeno exercício. E não vale olhar a resposta antes de resolvê-lo, hein!

Sublinhe a informação que se refere ao que se pede em letras maiúsculas as seguintes situações:

a) ANTECEDENTE: Marcela estava na brinquedoteca com a terapeuta quando começou a gritar e puxar o braço da terapeuta. A terapeuta falou que era para escolher apenas um brinquedo.

b) RESPOSTA: Otávio estava na sala de aula e começou a emitir sons altos e ininteligíveis quando a professora virou às costas.

c) CONSEQUÊNCIA: Roberto bateu tão forte na mesa que a quebrou.

d) COMPORTAMENTO: Mesmo em público grande, Renata consegue se expressar muito bem.

Antes de prosseguir a leitura para o próximo capítulo, confira na próxima página as respostas corretas das questões, e avalie como está aprendendo esses conceitos.

Você deveria sublinhar as seguintes palavras (sublinhadas) em cada exercício:

a) ANTECEDENTE: Marcela estava na brinquedoteca com a terapeuta quando começou a gritar e puxar o braço da terapeuta. A terapeuta falou que era para escolher apenas um brinquedo.

b) RESPOSTA: Otávio estava na sala de aula e começou a emitir sons altos e ininteligíveis quando a professora virou às costas.

c) CONSEQUÊNCIA: Roberto bateu tão forte na mesa que a quebrou.

d) COMPORTAMENTO: Mesmo em público grande, Renata consegue se expressar muito bem.

Se você acertou todas as respostas, PARABÉNS! Você está aprendendo direitinho e está pronto para a próxima etapa! Se você errou uma ou mais questões, não fique triste. Leia atentamente o conceito novamente e verifique o que errou. Assim, poderá realizar o exercício novamente e prosseguir para o próximo capítulo.

SEGUNDA UNIDADE

Aprendendo a fazer Análise Funcional do comportamento

Agora que já aprendemos alguns conceitos básicos da Análise do Comportamento, será possível entender o porquê de alguns comportamentos ocorrerem. A ferramenta que aprenderemos agora, que nos permitirá ter essa compreensão, é a Análise Funcional. Sem ela, qualquer intervenção pode falhar. Ocasionalmente, uma intervenção sem Análise Funcional poderá trazer bons resultados, mas nestes casos, não fica claro como tal procedimento funcionou e em uma nova situação, pode não funcionar mais.

Preparados para compreender o porquê um comportamento ocorre? Vamos identificar a função desse comportamento? Então, vamos lá!

Capítulo 5
Analisando Funcionalmente a partir da folha de registro

O conteúdo da folha de registro resultante da sua observação do comportamento problema é essencial, mas não é suficiente. Ele ajudará na análise e entendimento do motivo de o comportamento se manter, mas muitas vezes pode deixar dúvidas entre várias hipóteses da sua manutenção. Por isso, temos de investigar com quem (pais, avós, irmãos, professores por exemplo) conviveu com a pessoa com comportamento aberrante como e quando foi a primeira vez que tal comportamento aconteceu, e como esse comportamento evoluiu. Muitas vezes, tal comportamento pode ter sofrido modificações, ou seja, no começo a criança apenas jogava o jornal no chão e agora grita, rasga, pisa e joga no lixo.

Portanto, teremos de fazer mais algumas observações, que anotaremos em tabela também.

Ordem dos acontecimentos	Antecedentes	Respostas	Consequências
1ª vez	Geraldo tinha 5 anos; Mãe estava brincando de desenhar com Geraldo e se afastou para atender ao telefone.	Pegou os papéis e amassou	A mãe largou o telefone e segurou Geraldo em seu colo rindo

Ordem dos acontecimentos	Antecedentes	Respostas	Consequências
2ª vez	Mãe ensinava o que a polícia fazia com carrinhos, sons... Nesse momento, o avô entrou no quarto onde estavam e começou a discutir alto com a mãe, fazendo-a chorar; O avô segurava um jornal na mão e batia-o na parede fazendo barulho.	Geraldo levantou desorientado, emitia ruídos e tentava pegar o jornal da mão do avô.	O avô, jogou o jornal para longe e Geraldo o pegou; O barulho emitido pelo jornal batendo na parede cessou; Avô e mãe de Geraldo pararam de gritar.
3ª vez	Dia seguinte ao acontecimento, a mãe estava na cozinha e Geraldo na sala, sozinho.	Geraldo começou a rasgar jornais	A mãe escutou e veio correndo atrás de Geraldo para dar-lhe atenção. Começaram a brincar juntos.

Percebam que a partir desses dados coletados podemos entender porque Geraldo fala a palavra “polícia” e vemos também que em quase todos os momentos ele consegue a atenção da mãe depois de rasgar jornal ou papel.

Outro fator que é importante e ajuda a entender mais ainda o que acontece é investigar quando o comportamento não ocorre. Perceberam que Geraldo depreda jornais todos os dias menos aos Domingos? Não é curioso? Vamos investigar o que acontece aos Domingos que faz com que Geraldo não emita essas respostas.

Data	Antecedente similar	Resposta	Consequências
Dia 2, Domingo	Presença do jornal na mão do avô, na mesa do café da manhã; Avô leva o jornal para sua casa a pedido da mãe.	-	-
Dia 9, Domingo	Presença do jornal na mão do avô, na sala de estar; Avô leva o jornal para sua casa a pedido da mãe.	-	-

Nestes registros, é evidente que a situação antecedente tem a presença do avô como o diferencial dos outros dias. Essa talvez seja uma variável importante para que nos dias de domingo, na presença do avô, Geraldo não rasgue e jogue o jornal. Para averiguar isso, mais uma investigação é necessária, semelhante à pergunta feita anteriormente: Houve alguma vez em que Geraldo se comportou rasgando jornais na presença do avô? Como foi? Se nunca houve, como é a relação dele com o avô? O que o avô faz com Geraldo? Após essas perguntas, podemos esquematizar mais respostas em tabelas.

Antecedentes	Respostas	Consequentes
Avô com jornal na mão, escolhendo um lugar para se sentar na sala de estar	Geraldo acordou, correu em direção ao avô e tentou pegar o jornal	O avô gritou, ameaçou bater com o jornal em sua cabeça e se manteve em pé e com o jornal fora do alcance de Geraldo até que ele se afastasse; Depois, o avô iniciou sua leitura; O avô disse à mãe dele para deixá-lo em paz e que estava tudo resolvido.
No domingo, antes do avô chegar	Geraldo acordou de madrugada para pegar o jornal antes do avô e jogou no lixo.	O avô pegava o jornal do lixo e batia em Geraldo com o jornal; O avô restaurava o jornal e o lia; Às vezes, comprava outro e lia. A mãe chegava para dar bronca a ele, mas o avô a interrompia dizendo que estava tudo bem.

Pois é! Descobrimos que Geraldo não faz isso com o avô porque não consegue ter o resultado que quer, exterminar o jornal. Outra possibilidade é que tem medo do avô, pois é a única pessoa (aparentemente) que age de forma a cumprir a regra de não rasgar jornais. Embora ele devesse ter encontrado outra forma de solicitar o comportamento adequado que não incluísse bater em Geraldo, o avô está certo em ser consistente com a regra a respeito de não rasgar o jornal.

Após toda essa análise, é possível concluir que Geraldo rasga e joga jornais porque obtém ganhos com isso, por exemplo: atenção da mãe, pois ela o distrai conversando, passando tempo juntos, passeando no centro, mesmo recebendo bronca. Às vezes, a simples presença da mãe pode ser vantajosa para ele.

Dessa forma, podemos resumir em poucas palavras que a função, ou o motivo de Geraldo se comportar dessa forma é chamar atenção da mãe. E conseguimos chegar a essa conclusão a partir da análise funcional que fizemos.

Entender a função é importante porque identificamos que a atenção pode ser um reforço valioso para os procedimentos de intervenção. A mãe deve reforçar com sua atenção os comportamentos adequados que Geraldo apresentar, e não reforçar os comportamentos que são inadequados.

Às vezes, o contexto em que o comportamento aberrante acontece pode exigir que a função desse comportamento não seja atendida mesmo que comportamentos adequados aconteçam, por exemplo: se um comportamento autolesivo acontece por não querer tomar banho, a análise identifica que o comportamento está acontecendo com a função de fugir do banho. Mas é estabelecido como regra social que devem tomar banho todos os dias.

TERCEIRA UNIDADE

Intervenção por meio de esquemas de reforçamento

Agora sim! Chegou o grande momento! O mais esperado de todos! Vamos aprender a parte prática, as intervenções! Nós vamos conhecer dois tipos de intervenções que os estudiosos apontam como os mais indicados para pessoas que apresentam comportamentos aberrantes. Mas não fiquem achando que há apenas duas coisas a se fazer. Esse número, dois, se trata de “tipos” de intervenções. Melhor explicando, vocês vão conhecer um tipo de intervenção que possibilita uma infinidade de maneiras de agir e outro tipo de intervenção que também permite uma infinidade de formas de proceder. Então, aprender esses dois tipos de intervenção não será pouco! Serão muitas intervenções possíveis! Por isso, ainda temos muito a aprender. Vamos continuar?

Capítulo 3

Reforçamento Diferencial de Comportamentos Alternativos (DRA)

Agora, iremos aprender outra forma de intervenção, que é o Reforçamento Diferencial de comportamentos Alternativos, ou DRA. Após estudar um comportamento aberrante identificando sua função, o DRA consiste em ensinar um comportamento alternativo mais aceito socialmente para "substituir" o aberrante e reforçar esse comportamento ensinado, deixando de reforçar o comportamento aberrante, ou seja, colocando-o em extinção. Estamos falando de reforçar diferencialmente os comportamentos ensinados, por isso o nome DRA.

O DRA é o procedimento mais indicado para o caso de pessoas com deficiência ou com transtornos de desenvolvimento. Isso porque, como já vimos, é um procedimento no qual são ensinadas formas de se comportar mais adequadas socialmente. Pessoas com essas características normalmente apresentam poucas formas de interagir com o mundo, ou seja, apresentam repertório restrito. Por isso, ensinar-lhes alternativas melhores é muito importante.

DRA

Você sabia...

Que qualquer parte da tarefa ensinada já é um comportamento alternativo? Ou seja, não é preciso realizar uma tarefa complexa para ser bem sucedido no procedimento de DRA. Cada passo já é uma conquista importante para chegar ao comportamento mais complexo.

Ensinar um comportamento alternativo novo pode não ser fácil. A depender da dificuldade em desempenhar tarefas que a pessoa com os comportamentos aberrantes apresenta, o comportamento a ser ensinado deve ser dividido em tarefas menores, ou seja, deve ser ensinado passo a passo. Por exemplo, se queremos ensinar uma criança a tomar banho, primeiramente temos que pensar quais habilidades a pessoa tem de ter para tomar banho adequadamente: identificar que está sujo, abrir e fechar a torneira do chuveiro, pegar a esponja, passar sabonete na esponja, passar a esponja no corpo de modo que fique limpo e etc. Cada uma dessas tarefas podem precisar ser ensinadas separadamente, sempre lembrando de reforçá-las a cada passo conquistado e cuidando para não reforçar os aberrantes.

Vamos conhecer um exemplo de DRA. Valdemar apresenta repetidos movimentos bruscos e amplos com os braços, chegando a abaixar-se (dobrar as pernas) para tocar o chão com a mão (estereotipia) em qualquer situação, especialmente no supermercado quando vai fazer compras. Isso indica que a função do comportamento não fica clara, ou

seja, podemos classificá-la como “sem função aparente”. Os pais poderiam utilizar o procedimento de DRA da seguinte forma: ensinar Valdemar o comportamento esperado para aquela ocasião, como andar pausadamente e empurrar o carrinho de compras, e quando ele conseguisse fazer isso, reforçá-lo. Ou, poderia ensinar a segurar as mãos dos pais e manter as pernas retas (sem dobrá-las para abaixar-se), reforçando-o quando conseguisse. Ou ainda, poderia ensiná-lo a manter seus braços ao lado do corpo, com as pernas retas, não esquecendo também de reforçar quando conseguisse. Em todos os casos, quando Valdemar apresentar alguma estereotipia, esse comportamento não deveria ser reforçado.

Neste momento, você pode estar pensando: qual a vantagem do DRI e do DRA? Quando escolher um e outro? Bom, o DRI é um procedimento cujos resultados podem ser mais rápidos, pois o procedimento é menos complicado. Nesse procedimento podemos reforçar qualquer comportamento incompatível que a pessoa já apresente; diferente do DRA, que exige que você ensine um novo comportamento, e esse ensino pode demandar tempo. No entanto, o DRA é perfeito para as pessoas que têm dificuldades de aprendizagem, pois ensina novas formas de interação com o ambiente.

DRA e DRI

Você sabia...

Que o comportamento alternativo do DRA pode ser um comportamento incompatível, semelhante ao do DRI? O comportamento alternativo pode ser qualquer um, incompatível ou não, desde que seja mais adequado e ensinado. Ser ensinado um comportamento incompatível não implica que esse procedimento deixe de se chamar DRA.

Agora que lemos a definição de DRA e vimos alguns exemplos de como pode ser aplicado, vamos fazer alguns exercícios para aprendermos ainda mais!